

Grêmio Literário Patruhense

Enquanto isso, em Santo Antônio...



pragmatha

Márnei Consul
Monique Rodrigues
(organizadores)

Enquanto isso, **em Santo Antônio...**

Grêmio Literário Patrulhense

São Paulo
Pragmatha
2024

Pragmatha Editora
www.pragmatha.com.br

Edição: Sandra Veroneze
Organizadores: Márnei Consul e Monique Rodrigues
Foto de capa: Gui Vargas
Identidade visual: Pragmatha
Diagramação: Nieli Blota Martins
Copyright: Do Organizador

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial
sem a expressa autorização.

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
E59 Enquanto isso, em Santo Antônio – / Márnei Consul e Monique
Rodrigues [organizadores] -- São Paulo: Pragmatha, 2024.
120 p. ; 14 x 21 cm.

Publicado também eletronicamente usando o formato pdf, na world
wide web.

ISBN 978-85-8434-199-3

1.Literatura brasileira – Coleções literárias. 2.Antologias. 3.Prosa escolar
brasileira. 4.Contos brasileiros. 5.Prosa brasileira. 6.Literatura brasileira
– Rio Grande do Sul. 7.Pessoas – Santo Antônio da Patrulha (RS). 8.Mo-
radores da cidade – Santo Antônio da Patrulha (RS). I.Consul, Márnei.
II.Rodrigues, Monique.

CDU 869.0(81)-822
869.0(81)-34
CDD 869.908
869.987

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Democratizar, incentivar e valorizar

No início de 2024, o Grêmio Literário Patrulhense (GLP), assim como outras entidades de Santo Antônio da Patrulha/RS, foi premiado por sua trajetória com recurso da Lei Paulo Gustavo. Poderia ter usado tal valor para fazer uma confraternização, pagar alguma despesa, ou, simplesmente, guardar em sua conta bancária. Entretanto, ciente de sua responsabilidade sociocultural, não foi isso que ocorreu.

Os associados do GLP tiveram a ideia de criar um livro de contos em formato digital que, além de contar com textos dos membros da entidade, abriu espaço para jovens talentos locais, ou seja, alunos de Ensino Médio. Isso porque o incentivo à literatura é necessário, seja na leitura, seja na escrita.

Assim, nasceu o livro “Enquanto isso, em Santo Antônio...” com contos de 12 alunos de escolas públicas patrulhenses (Gregória de Mendonça, Patrulhense e Santo Antônio), além de outros 12 de integrantes do GLP. A temática pedida para os textos foi livre, desde que, de alguma forma, nossa querida Santo Antônio da Patrulha, aparecesse.

Sendo uma obra virtual, seu alcance é maior. Ela está disponível a todos no site da Pragmatha Editora. Pode ser “baixada”, enviada, lida, desfrutada em computadores, celulares e outros dispositivos tecnológicos, rompendo a barreira do papel.

Democratizar a literatura, incentivar a escrita e valorizar os escritores de nossa terra: esses foram os objetivos da obra a que você, leitor, agora, tem acesso. Aproveite-a.

Márnei Consul e Monique Rodrigues
Organizadores

Sumário

Parte 1 – Escritores jovens

- 13 | Alice Rosa da Silva
Conto: Romance de festival
- 17 | Eduardo da Silva
Conto: A investigação
- 25 | Gabriela Szortyka da Costa Gomes
Conto: Aventuras nas alturas: o salto da amizade
- 31 | Haika Mariah Mendes Porcher
Conto: Almas
- 35 | Maria Clara Oliveira Becko
Conto: Uma infância em Santo Antônio
- 39 | Arthur Charão Klein
Conto: No banco da praça
- 41 | Hellen Cardoso Santos
Conto: A decisão
- 43 | Vitória Werner da Silva
Conto: Isso é coisa de Santo

- 49 | Carolina Marques dos Reis
Conto: Conto de casa
- 51 | Jussana Aparecida de Oliveira Fraga
Conto: Mãe dos contos
- 53 | Tainá Nunes de Andrade
Conto: Conto em cima de verdade
- 55 | Yuri Rodrigues da Silva
Conto: A fonte do amor

Professores responsáveis: Mateus Santos de Carvalho (Escola Estadual de Ensino Médio Patrulhense), Rosália Winck de Barcelos (Escola Estadual de Ensino Médio Prof.ª Gregória de Mendonça) e Caroline dos Santos Ramos (Instituto Estadual de Educação Santo Antônio).

Parte 2 – Escritores nem tão jovens

- 59 | Cristina Moro Fishborn
Conto: Memórias da Matriz
- 61 | Daiçom Maciel da Silva
Conto: Pé de Galinha
- 63 | Elita Portal
Conto: Buraco do Bicho
- 67 | Joelson Machado de Oliveira
Conto: O jogo do amor
- 71 | Luciane Machado
Conto: O extraterrestre nos fundos de casa
- 75 | Luiz Nicanor
Conto: Um episódio da legalidade em Recanto das Flores
- 93 | Marilani dos Santos Bernardes
Conto: Inácio e Margarida

97 | Márnei Consul

Conto: Havia

99 | Monique Rodrigues

Conto: Oferenda

101 | Rosalva Rocha

Conto: A Pinheiro foi templo

105 | Sinara Foss

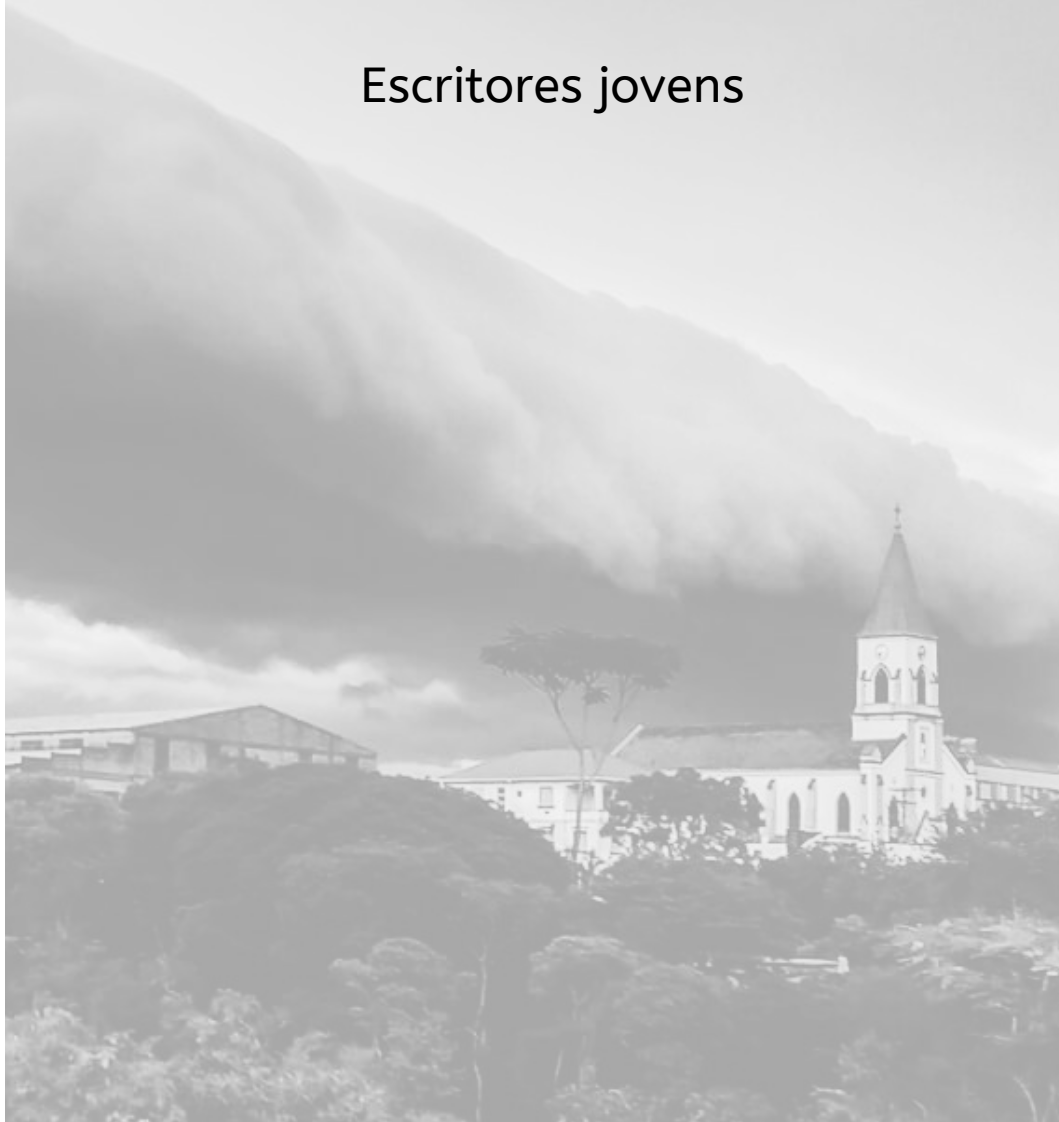
Conto: Aconteceu em Santo Antônio

109 | Tereza Araujo

Conto: Quebra de Rotina

Parte 1

Escritores jovens



Romance de festival

Alice Rosa da Silva

Um músico desconhecido subiu ao palco da Moenda. Nervoso, tremendo, porque seu último ensaio não havia sido produtivo. Olhou para frente, não enxergou nada, a luz do palco cegava-o deixando cada vez mais trêmulo. O som começou, as luzes baixaram sobre o artista, suspirou e ergueu a cabeça, encarando a multidão. No momento em que ele se pôs a cantar, seu olhar desviou para uma pessoa na plateia e tudo passou a não existir mais.

Um par de olhos cor de mel havia fisgado sua atenção, pertencia a uma linda gurria de cabelos negros, dona de um olhar melancólico que, ao perceber seu olhar, abriu-lhe um doce sorriso. Ele não havia parado de cantar, mas continuava nervoso e, quando aquela misteriosa moça lhe dirigiu o mais brilhante dos sorrisos, seu coração disparou.

Foi como se uma flecha tivesse atingido o jovem. Estufou o peito, e a letra de “Transbordar”, de Vê Domingos, nunca teve tanto sentido. Interpretar a mais bela das músicas, à frente de uma multidão, nunca pareceu tão fácil. Declarar seus sentimentos em forma de música, olhando para aqueles singelos olhos, era tão pouco.

Certamente, Santo Antônio entrou em ação naquele momento. Foi amor à primeira vista, sem dúvidas, nosso padroeiro já tinha a certeza de que resultaria em casamento.

Ao término da apresentação do cantor, ao sair do palco, foi correndo ao encontro da dona do inesquecível sorriso.

— Parabéns! Você foi demais, Gabriel!

— Obrigado... Posso saber seu nome? — perguntou o guri envergonhado.

— Sofia..., me chamo Sofia. — falou a jovem ruborizada.

— Gostaria de dar uma volta pelo parque? Adoraria conhecer melhor...

— Claro! Você não é daqui, certo? — perguntou a jovem com aquele doce sorriso que encantou nosso personagem.

— Não, mas estou chegando à conclusão que vou gostar muito desta cidade. Vim pela música e acabei encontrando uma inspiração — acrescentou o artista com o olhar apaixonado.

Lá se foram os dois pombinhos a conhecer o parque da Fenacan e, entre conversas e carícias, se apaixonavam cada vez mais. Nossa mocinha patrulhense levou o forasteiro a provar as especiarias da nossa cidade (com exceção da cachaça). A rapadura foi aprovada com sucesso, mas o sonho...

— Isso é maravilhoso! Sem dúvidas o melhor que já experimentei. Parece um pedaço do céu... assim como você, Sofia! — disse o artista que havia deixado a timidez de lado após horas ao lado de sua musa. A menina corou levemente com o elogio e respondeu:

— Gabriel, Gabriel, assim tu me deixa encabulada... Eu estou adorando o nosso tour pelo evento, mas sabe, poderíamos ir ao parque para nos divertirmos mais um pouco até a hora da premiação da Moenda, o que acha?

— Ótima ideia, mas com uma condição. Vamos andar na roda gigante, certo? — disse o músico rindo, pois havia descoberto o medo que Sofia tinha de alturas.

— Ai, Deus! Mas sim, faço esse sacrifício — respondeu a morena rindo.

Assim, partiram para o parque de diversões, passando por crianças sorridentes e adolescentes abobados rindo uns com os outros. Um vento minvano uivava na noite, gelando dos ossos à alma do casal, fazendo-os estremecer, mas seguiram até o destino. Em frente, encontrava-se o brinquedo mais alto do parque. Esperando, havia uns dois casais e algumas crianças. Não tardou, os apaixonados estavam no topo da roda gigante.

Sofia tremia de frio e de medo. Sentado ao seu lado, Gabriel aproximou-se mais da guria, deslizando sua mão pelo seu sedoso cabelo e trazendo-a para perto do seu peito. Abraçou-lhe. Seus olhares se cruzaram e, de repente, os lábios vermelhos da moça estavam tão perto dos seus...

Ali, no topo da roda gigante, declaram seu amor, fazendo juras e promessas ao luar, o minvano foi testemunha da felicidade, dos olhares apaixonados dos dois.

Nossos personagens voltaram ao pavilhão do festival, os esforços e todo nervosismo valeram a pena. Gabriel consagrou-se campeão de sua modalidade. Radiante e mais feliz do que nunca, reforçou suas juras de amor. Sofia, entretanto, estava triste. E se, por acaso, eles nunca

mais se encontrassem? Se ele não voltasse à cidade? Ao compartilhar seus anseios com o guri, ele riu e falou:

— Meu amor, a partir de hoje, Santo Antônio tornou-se minha cidade também, não há sentido eu ficar em outro lugar que não seja aqui. Agora, eu desconheço a vida longe de ti. Hoje, eu descobri que o amor é algo tão puro e precioso, apenas olhando nos seus olhos. Hoje, eu compreendo que as almas gêmeas são destinadas a se encontrar, tive a prova nessa noite fria, onde tu esquentou meu coração. Eu não tenho intenção de partir, nem daqui e nem do seu coração. Vou fazer o possível e o impossível para permanecer ao seu lado, Sofia. — contestou o cantor com ternura a sua amada.

Santo Antônio, assim, olhou por eles e abençoou-os, selando seus destinos, juntos.

A investigação

Eduardo da Silva Dias

Santo Antônio da Patrulha é uma cidade pequena e simples, localizada ao nordeste do Rio Grande do Sul, sendo um dos quatro primeiros municípios do estado, uma cidade ótima para se morar, muito calma e com bons moradores. Poucos sabem, entretanto, que ela foi palco de um acontecimento terrível em seu passado, um caso criminal cheio de horrores, mistérios e com segredos nunca solucionados ou desvendados até os dias de hoje.

O ano era 1945 e a cidade passava pelo seu momento mais sombrio. Nenhum dos envolvidos sabe ao certo quando começou, talvez, tenha sido quando os corpos assassinados e com um estranho símbolo no corpo começaram a aparecer; pode ter começado quando um corpo surgiu enforcado em uma grande figueira, mas o que pode ter iniciado tudo isso foi a chegada de um morador novo na cidade, alguém muito simpático, mas que também carregava muitos segredos a seu respeito.

Eu sou o detetive Alan Souza, trabalhava como investigador de assassinatos locais, trabalho esse que, confesso, não ser muito movimentado. Às vezes, aparecia em

minha mesa alguma ficha sobre um novo assassinato, mas nada fora do normal — como se matar alguém fosse normal. A maioria das ocorrências era a mesma coisa, sempre a mesma história, até que, certo dia, peguei um caso que me causou arrepios até a alma.

Lembro como se fosse ontem: dia 15 de fevereiro de 1945, uma segunda-feira como qualquer outra, fui chamado devido a uma ocorrência na região onde, hoje, é a Praça da Figueira. Um homem havia se enforcado na grande árvore que existe no local. A princípio, achei que fosse apenas mais um caso de suicídio, mas, durante as investigações, os legistas que analisaram o corpo relataram que ele estava lá desde a noite anterior. Havia marcas de arranhões espalhados por todo o corpo, o que indicava sinais de luta e que ele poderia ter tentado se defender do assassino. Então, talvez, estivessem forjando um suicídio, porém um detalhe a mais nos chamou atenção: havia um pequeno símbolo entalhado por algum objeto afiado em sua pele, na região do antebraço. O homem foi identificado como Arlindo Ferreira, morador de uma parte mais afastada da cidade chamada Chicolomã. Sua casa foi encontrada com a porta fechada, mas existiam rastros de pegadas do lado de fora e, em algumas partes dessa trilha, parecia como se alguma coisa tivesse sido arrastada, mas os rastros sumiam a menos de 20 metros da casa, como se tivessem sido apagadas às pressas por alguém.

Pouco antes desse ocorrido, questão de uns dois meses, havia chegado um homem à cidade para trabalhar na escola do município como professor, seu nome era Franklin. Homem simpático, tratava todos bem e era a pessoa que morava mais perto da casa de Arlindo. Pedi-

mos a ele que viesse à delegacia para que pudéssemos fazer um interrogatório a respeito do caso. Franklin disse que, naquela noite, não estava em casa, pois estava pescando, já que era um de seus passatempos favoritos, porém que não havia ninguém com ele que pudesse realmente confirmar seu álibi. De modo geral, Franklin parecia ser bem gentil, era sempre muito educado com as pessoas e não possuía motivos para se envolver naquilo, nem sequer era alguém próximo de Arlindo.

Na escola em que Franklin trabalhava, todos gostavam dele, principalmente os alunos do 7º ano. A direção relatou que tinha uma proximidade bem alta com as crianças, que era sempre presenteado por elas e dava presentes também. Eventualmente, fazíamos visitas a ele para fazer mais perguntas sobre o caso, mas sempre dizia não ter visto nem ouvido nada naquela noite.

Com o tempo, recebi um parceiro para o caso, o detetive Osvaldo Lopes. Apresentamos a marca encontrada no pescoço da vítima para um decifrador de códigos e idiomas. O símbolo em questão se parecia muito com uma escrita antiga e significava algo como “O que seus olhos veem pode não ser o que deva ser enxergado”, ou, simplesmente, “Ilusão”. Nunca chegamos a alguma conclusão sobre isso, nem naquela época, nem nos dias de hoje.

Meu parceiro era amigo de Arlindo e costumava frequentar sua casa anos atrás, antes de uma tragédia acontecer, de acordo com Osvaldo. Arlindo era um homem solitário, entrou em depressão profunda após perder sua filha e sua esposa em um incêndio. Segundo a descrição de Osvaldo para mim, elas eram lindas, ambas ruivas. A filha tinha por volta dos 11 anos de idade quando

tudo aconteceu. O incêndio foi supostamente acidental, causado por ele mesmo e, depois disso, Arlindo acabou se isolando de tudo e todos. Mesmo no tempo em que ainda tinha sua família, Arlindo era um pouco desequilibrado psicologicamente, o que piorou após o suposto acidente.

Voltando ao caso da figueira, nada fazia muito sentido, havia apenas um suspeito, que não tinha reais indícios do crime, e várias pontas soltas como a ponta desfiada de um cachecol, e esse cachecol enforcava meu pescoço todas as noites quando perdia o sono pensando sobre o caso. Pouco mais de uma semana depois, fomos chamados para identificar um corpo de uma menina achado dentro de um poço na região conhecida como Barrocas. O nome dela era Laura, a família estava procurando a garota há dias. A menina era ruiva, umas das alunas do 7º ano da escola em que Franklin trabalhava. De novo, não havia indícios de quem teria sido, e as suspeitas estavam todas em cima dele, por ser professor dela e por ter sido o principal suspeito do outro caso e, assim como o primeiro corpo, a menina apresentava a mesma marca, porém não havia comprovações de novos suspeitos.

Pouco tempo depois, ainda naquela semana, foram encontrados mais três corpos de mulheres, dessa vez, na região de Tapumes. Os corpos estavam queimados, mas a autópsia revelou que foram mortas ainda antes de serem queimadas por um objeto afiado que foi deixado no local. Também tinham marcas iguais às encontradas nos outros corpos. Uma das mulheres foi identificada como sendo uma colega de trabalho de Franklin, professora Antônia e, também, aparentemente, a primeira a morrer. Os corpos das outras mulheres foram entregues às

famílias para que pudessem enterrá-las.

Depois de quase quatro semanas após o sumiço das três, a escola declarou que Antônia e Franklin tiveram uma discussão bem séria sobre a proximidade dele com as crianças, especialmente do 7º ano, já que a professora não achava isso certo e prometeu que diria para as autoridades ficarem de olho. Era óbvio que todos os corpos estavam conectados, assim como Franklin também estava, apenas não tínhamos provas o suficiente para incriminá-lo de assassinato, pois sua casa foi revistada inúmeras vezes, assim como seu terreno, e nunca foi encontrado algo que pudesse levá-lo à justiça.

Detetive Osvaldo e eu analisamos os casos e notamos que os corpos das mulheres e da menina foram mortos enquanto Arlindo ainda estava vivo. Então, ele foi o último dessa lista, e os locais de cada morte são próximos das casas de Arlindo e Franklin, e apenas o de Arlindo se encontrava a uma distância grande dos outros cadáveres. A questão era: por que o dele é diferente? O que o símbolo quer nos dizer? Será que havia mais algum corpo não encontrado?

Após entrarmos em contato com o delegado da cidade, descobrimos que uma mulher havia desaparecido também: Ketelyn dos Santos. A data do desaparecimento batia com o restante das mortes e, curiosamente, ela prestava auxílio psicológico para Arlindo. Começamos as investigações para achar o corpo, o que não demorou muito, pois, com a ajuda de pessoas próximas a ela e moradores locais que deram seus depoimentos sobre a última vez que a viram, conseguimos achar o cadáver da moça, que se encontrava enterrado debaixo de uma árvore em uma parte próxima dos outros homicídios, uma

parte mais ao sul de Chicolomã. O corpo estava com a mesma marca dos outros, seus pés e pernas estavam ralados, e estava sem uma das unhas, indicando que lutou com o agressor. Dessa vez, Franklin parecia não ter envolvimento, mas ainda era possivelmente culpado, pois o corpo, já em decomposição, foi encontrado próximo à área em que ele costumava realizar suas pescas.

Semanas se passaram, e as investigações continuavam sem nenhuma pista a mais e sem novos homicídios. Estávamos prestes a encerrar o caso, todavia um novo acontecimento declarou finalmente Franklin como culpado. Após a morte da aluna Laura, o pai dela ficou frustrado pela polícia não ter prendido o principal suspeito, mesmo com todas as pistas apontando para ele, então, decidiu visitá-lo em uma noite, para tentar fazer Franklin confessar o crime. Após chegar a sua casa, o pai de Laura encontrou a touca de sua filha, molhada e suja em cima de uma estante. Então, correu para denunciar às autoridades.

Esse detalhe passou despercebido nas revisões anteriores, pois não tínhamos sido informados de que Laura usava uma touca no dia em que foi assassinada. Finalmente, tínhamos a prova que faltava para incriminá-lo, mas Franklin ainda tentou se defender dizendo que essa foi uma touca que encontrou na sala de aula e levou embora para devolver no outro dia, porém nunca lembrou e, quando lembrou, acabou deixando cair em uma poça com água suja, mas os indícios do crime eram muitos, e havia uma prova concreta agora. Franklin foi preso e, finalmente, a cidade pôde descansar em paz e sem medo, assim como os detetives que puderam ter uma noite de sono sossegados, sabendo que desvendaram o caso.

Mas, para mim, ainda existiam pontas soltas: Qual a ligação de Ketelyn com Franklin? Por que, mesmo depois de preso, ele não confessou os crimes? O que o símbolo representava? Será que Franklin é o verdadeiro culpado? Talvez, nunca saberemos, pode ser que alguém descubra e responda a essas questões algum dia. O caso foi dado como encerrado, não houve mais mortes, não temos mais pistas para seguir, portanto, reabrir o caso sem um novo culpado seria inútil, o que importa é que todos os cidadãos podem descansar tranquilamente, pois a onda de mortes teve um fim.

Aventuras nas alturas: o salto da amizade

Gabriela Szortyka da Costa Gomes

Já imaginou ter uma experiência inesquecível tão perto de você? Hoje, esse é o plano de Caio e Marina. Os habitantes de Santo Antônio da Patrulha ficaram entusiasmados com a novidade que chegara à cidade, Caio e Marina se anteciparam para serem os primeiros da fila.

Ponto de vista de Caio

Havia acabado de terminar de me arrumar quando vi a mensagem da garota avisando que havia chegado e parei em frente ao espelho. Não estava com paciência para me arrumar, mas também não queria sair de qualquer jeito e sorrii satisfeito com a forma como eu estava. Saí do prédio e, assim que avistei o carro da Marina, fui até ele, entrando no banco do passageiro e olhando de forma animada pra ela:

— Oi, Marina, quanto tempo!

Cumprimento a garota e coloco o cinto de segurança, deixando a garrafa de Coca que eu trouxe no chão.

— Eu tô animado, você sabe onde fica o negócio? Nunca na vida imaginei que teria um desse aqui.

Ponto de vista de Marina

Dei um pulo assim que escutei a porta ser aberta. Felizmente, era Caio. Por um momento, pensei que iria ser sequestrada.

— Oi, Caio.

Sorri meio sonolenta e cumprimentei o garoto, vejo-o colocar o cinto e dou-me conta de que eu não estava usando o meu desde que saí de casa, então, o coloquei.

— O moço que me vendeu os ingressos disse que fica no Cantagalo, próximo ao Evaristo, mas não sei exatamente onde fica o bungle jump.

Falei errado de propósito para brincar com a forma como ele escreveu esses dias por mensagem enquanto organizamos tudo.

— Mas o Waze sabe.

Referi-me ao aplicativo de guia e peguei meu celular na mochila para abri-lo, mas, antes disso, seguro a risada ao escutar o que o garoto me responde.

— E quem é Waze?

...

Depois de alguns longos minutos de muita conversa entre amigos, Caio e Marina estavam se aproximando do lugar na qual foi construído o bungee jump. No caminho, passaram por lindas paisagens e propriedades rurais que lhes causaram um sentimento de tranquilidade e serenidade, algo que há muito não sentiam em função da rotina sempre apressada. Quando chegaram ao ponto do percurso em que começavam a subir o morro, os dois amigos ficaram um tempo calados, em êxtase pelo que viam. Como ainda era cedo, pois queriam saltar no início

do dia, ao olhar em direção à cidade, o que se via era a paisagem coberta por uma densa cerração, sobre a qual se enxergava a torre da Igreja Matriz de Santo Antônio. Com o templo, conforme mais subiam o sertão do Cantagalo, o nevoeiro se dissipava no horizonte e revelava detalhes do município, como se a cidade estivesse acordando, descobrindo-se dos cobertores de uma noite fria e tomando coragem para sair da cama.

Depois de uns 20 minutos de viagem, os dois chegaram ao pé do morro em que ficava o bungee jump.

— A gente já tá quase chegando, só falta subir aquela montanha enorme. — Marina afirmou.

— E vamos subir como? Escalando ou por escada? Tem escada, né?

Caio perguntou num tom meio assustado, já que ele não tinha um bom histórico com escaladas. Marina já é acostumada com a personalidade autêntica do seu amigo, mas, para ela, nunca perde a graça quando ocorrem os momentos de lentidão do Caio. Ela responde de uma forma óbvia e prendendo o riso.

— De carro...?

— Carro? Nós vamos subir a montanha de carro?

Então, ele direciona seu olhar para a montanha mais uma vez, se dando conta que a montanha não é de trilha.

Depois de uns 30 minutos de viagem, chegaram ao local do bungee jump. Não era dos maiores bungee jumps do mundo, mas, com certeza, muita gente se impressionou com tamanha estrutura para uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. A atividade tinha sido proposta e instalada por moradores locais em uma pedreira desativada, atividade comum da região e que, após muitos anos de extração, acabou formando uma espécie de pre-

cipício alto o suficiente para uma experiência consideravelmente radical.

Não muito tempo depois, Marina estava mostrando na entrada o ingresso digital para duas pessoas. Em seguida, foi colocada uma pulseira amarela em cada um deles e, então, já foram autorizados a aguardar na fila. Felizmente, em função do horário antecipado, só havia três pessoas na frente deles. O vento no alto da montanha era gelado e fazia os cabelos de Marina voarem constantemente, mas o dia estava bonito, o céu aberto fazia com que o sol aquecesse eles.

— Quem vai primeiro? — Marina questiona.

— Não sei, quem vai? Você quer ir?

Os dois ficaram nessa disputa por alguns minutos até a atenção deles se direcionarem para um dos instrutores presentes ali na plataforma.

— Vocês pagaram pelo ingresso amarelo, que é a categoria em dupla, sabiam, né?

Caio e Marina se entreolharam sentindo uma timidez tomar conta do corpo. Marina resolveu ficar quieta, diferente de Caio, que não perde uma oportunidade de fazer sua amiga passar uma vergonha a mais.

— Foi o que eu tentei dizer pra ela o caminho inteiro...

Marina revirou os olhos, já acostumada com esse tipo de brincadeira.

Em seguida, eles foram chamados, pois já eram os próximos da fila. Caio estava tremendo, sentindo seu corpo enfraquecendo aos poucos, já Marina nem pensou muito e só se direcionou para ponta da plataforma puxando junto o amigo consigo. Foram conferidas as travas de segurança do equipamento dos dois, para o salto du-

plo ocorrer com sucesso, até que Caio quebra o silêncio de medo entre os dois.

— Marina, eu não vou.

— Você vai.

Marina, sem querer pensar muito, encara o chão que estava bem longe deles naquele momento. Ela não queria confessar, mas estava com tanto medo quanto Caio. Ela entrelaça forte as pernas pela cintura de Caio, e ele se direciona mais ainda para a ponta da plataforma conforme as instruções do monitor.

— Preparados? Três... Dois...

E, totalmente despreparados, os dois são empurrados pelo monitor antes da contagem chegar ao número um para que, assim, eles não pudessem voltar atrás. E então, durante o abraço apertado no ar, que ambos perceberam que eles tiveram a melhor experiência de suas vidas, pois se deram conta do quanto eles gostavam um do outro. Além de ter sido um salto de bungee jump, também foi um salto da amizade que eles tinham para o amor verdadeiro.

Foi um mix de emoções com muita adrenalina, podendo conhecer mais um pedaço de Santo Antônio da Patrulha e sob um ponto de vista diferente, literalmente.

Almas

Haika Mariah Mendes Porcher

A Avenida Borges de Medeiros era lugar de conforto de muitas assombrações, as mais diversas, pelas quais Marina era desvairada. Era uma fixação enorme, mesmo com uma dose pequena de medo que tomava conta e o arrepio que percorria a espinha toda vez que a garota se deitava sob os lençóis e via a silhueta escura aparecendo aos poucos ao lado de sua cama. Marina não sabia se aquilo se tratava do sono tomando conta, só sabia que sempre estava ali.

Conforme as noites iam se passando, a criatura perdia aquela cor de sombra e as vestes brancas envelhecidas começavam a aparecer. A garota nunca reparava, até o dia em que saiu com seus amigos para ir a uma festa de Halloween. Era tarde quando voltava para casa e, de relance, viu uma sombra pequena correr próxima a seu corpo. Ela não ficou com medo, apenas se assustou um pouco com a movimentação.

Marina continuou seguindo seu caminho e, quando começou a prestar atenção, viu que por ali pairavam diversas “pessoas” — não sabia se poderia chamá-las assim. Eram silhuetas quase que transparentes, não sabia

se o que estava vendo realmente estava ali. A menina paralisou, observando as movimentações, assustando-se com tudo aquilo. Parecia que estava simplesmente caminhando pelo centro da cidade durante o dia, de tantas almas que via.

Eram roupas antigas — como dos antigos açorianos — rasgadas. Todos tinham pele pálida e transparente, parecia terem saído diretamente de um filme. Voltou aos seus passos devagar, com muita cautela, enquanto alguns dos espíritos a olhavam de maneira sorridente e acenavam em sua direção. Era deveras estranho, mas a garota não sentia medo, pelo contrário, ela sentia conforto diante aos espíritos.

Reparou a direção que as almas seguiam, e tudo apontava para onde ficava a Fonte Imperial, ponto turístico da cidade que não era distante dali. Quando uma mulher de cabelos levemente bagunçados, que balançavam junto ao vento, se aproximou, a garota a analisou bem. Aquela mulher tinha feições calmas, cabelos longos, olhos redondos e com olheiras fundas, mas, mesmo assim, não perdia a beleza angelical. A desconhecida a cumprimentou e questionou a garota:

— É você a jovem a qual todos falavam?

Confusa, a garota não a respondeu, continuou analisando aquela mulher, quando levou um susto com um abraço repentino vindo dela.

— Que modos meus! Me chamo Adelaide!

Falava as palavras de maneira calma, extremamente calma e com um leve sotaque de Portugal. Depois do abraço, estendeu a mão à garota que a tocou para um aperto. A pele da mulher era fria e áspera, tanto que causou calafrios na garota, que permanecia em silêncio.

Quase que não sentia aquela mão, como tudo aquilo, até a pele da mulher parecia irreal — realmente era. Adelaide se despediu e seguiu o caminho junto às outras almas, que, antes, as encaravam. Com cautela, seguiu-a.

O caminho era o da Fonte Imperial, lugar que Marina conhecia bem. Fazia sempre piqueniques por lá junto com alguns amigos. Chegando lá, a garota reparou velas espalhadas pelo espaço, junto com pétalas amarelas. Ela permaneceu escondida, enquanto todos cochichavam. E, então, aquela sombra que sempre a observava pegou a mão da garota suavemente, que quase nem sentiu o toque, mas foi junto dela, conforme aquilo a puxava. Diferente das outras almas, aquela não tinha rosto, não era um “corpo” como os outros. Quando a garota apareceu no meio de todos aqueles seres, tudo ficou quieto, o único som no lugar era o da fonte. A água escorria de maneira rápida, o som era deveras alto por conta do silêncio que ocupava o lugar.

A garota estava confusa demais, não entendia o que era aquilo, mas, então, todos a aplaudiram, enquanto ela procurava por algo que pudesse explicar o que era tudo aquilo. Não tinham carros na rua, luz vinda das casas, barulho algum, o bairro todo parecia fantasmagórico. De repente, aquela sombra sem nenhuma face tornou-se Adelaide. Sem hesitar, afastou-se daquela alma. O que havia acontecido? Olhou em volta e mais nada se fazia presente ali, além da presença das duas.

A menina acordou no outro dia, estava tudo tão estranho, não sentia mais que era ela mesma, não sabia nem como tinha parado em sua cama. Aquele seria o dia em que seus pais fariam um almoço típico de família em sua residência e teria que ajudar nos preparativos. Então,

logo se ajeitou e foi para a sala de estar. Chegando lá, encontrou sua mãe e irmão mais novo conversando. Vendo que olhavam um álbum de fotos antigas, ela se aproximou, curiosa.

Sentou-se ao lado e perguntou o que faziam. Quando parou os olhos naquele grande livro, viu a mulher da noite anterior, Adelaide. Espantada, perguntou:

— Quem é essa?

— Sua avó, querida. Achei esse álbum no fundo das coisas dela, nem ela tinha me mostrado esse álbum minha vida toda!

Qualquer um que olhasse para Marina perceberia sua face de espanto. Ela mesma pensava que a noite anterior tinha sido apenas um sonho muito realista. Como ela tinha “sonhado” com sua avó sendo que nunca tinha sequer a visto?

Uma infância em Santo Antônio

Maria Clara Oliveira Becko

Ao chegar à cidade no sábado à tarde, Fábio encontra sua irmã, ngela, assim que desce do ônibus vindo de Santa Maria, na parada em frente à Farmácia Muniz. Não via a hora de, finalmente, poder retornar às suas origens depois de anos naquele dia ensolarado, pois a infância vivida em Santo Antônio da Patrulha lhe fazia uma falta gigantesca.

Ele e a irmã embarcaram no carro rumo à casa de sua avó, Elena, onde viveram a maior parte da juventude. Abraços, beijos e muitas risadas foram trocadas até o horário do almoço, que foi feito com muito carinho por dona Elena, em comemoração à visita de seus netos. Lembraram-se dos velhos tempos durante a refeição: quando sentiam o gostinho do sonho bem recheado da Casa DaColônia que seu pai trazia todos os dias após o trabalho; das tardes na Praça da Boa Viagem brincando com seus amigos e tomando um bom chimarrão com sua avó; e dos domingos passados na casa de seus tios, no Morro Grande.

Os irmãos não aguentavam mais esperar pela tarde para, finalmente, poderem reviver algumas dessas me-

mórias adormecidas pelo tempo. Após o almoço, resolveram dar um passeio pela cidade, iniciando pela Igreja Matriz, onde foram batizados, realizaram suas primeiras comunhões e suas crismas, e onde sempre iam às missas aos domingos, antes de pegarem estrada rumo aos tios. Molharam os dedos na água benta, fizeram o sinal da cruz e entraram na Igreja, que estava deslumbrante após recentes reformas. Caminharam em direção ao altar, lembrando-se de cada momento sentados com dona Elena naqueles bancos. E assim, logo na primeira parada, lágrimas escorreram dos olhos dos irmãos.

Já que estavam por ali, resolveram passar pelo Caminho da Fé, apreciando minimamente cada imagem católica presente no local. Embarcaram no carro e deram seguimento ao percurso, chegando à Fonte Imperial. Tiraram algumas fotos, sentaram-se e conversaram por um tempo e, logo, já deram partida para a próxima parada: a Avenida Borges de Medeiros.

Estacionaram o carro em frente à prefeitura e andaram por alguns minutos pela avenida, apreciando todo o belo cenário das construções açorianas, feitas pelos colonizadores da cidade. Encontraram também rostos conhecidos da antiga escola, um casal de amigos, e trocaram histórias e atualizaram suas vivências, já que há tempos não se viam. Despediram-se e desceram, então, rumo à Praça Nossa Senhora da Boa Viagem, o coração de suas lembranças infantis. Caminharam pelo local, recordando as brincadeiras e os sermões de seu pai, por não quererem ir embora, que ali aconteciam. Sentaram-se e tomaram um chimarrão, do qual o gosto do mate junto da paisagem os fez voltar aos anos 90, quando pegaram gosto pela bebida regional com sua avó.

Ao início do entardecer, resolveram passar pelo Bar Turista que, antes, era localizado junto à rodoviária do centro, para comprar o famoso pastel, que tanto comiam quando saíam com sua tia. Escolheram dois de frango para ngela e seu pai e dois de carne para Fábio e dona Elena. Quando retornaram à casa da avó, onde iriam dormir até o dia seguinte, seu pai tinha chegado do trabalho com dois sonhos enormes os aguardando e, para sua surpresa, seus tios e primos do Morro Grande, ansiosos para revê-los, estavam na sala de estar. ngela, ao ver todos reunidos, disse, com um brilho nos olhos: “Nada mudou, não é?”

Fábio sorriu e respondeu: “Não, algumas coisas nunca mudam, ngela. E isso é tão bom”. Sentiram, então, a paz e a tranquilidade de estar em casa.

Após um bom churrasco entre os familiares, a noite foi finalizada com abraços apertados e sorrisos de satisfação ao se despedirem uns dos outros. Na hora de dormir, receberam um beijinho na testa de sua avó, que não poderia ir dormir sem lhes dizer: “Santo Antônio sempre estará de braços abertos para recebê-los”. Com isso, os irmãos adormeceram com o coração quentinho, tendo dentro de si a certeza de que, em meio a todo o caos da cidade grande, do tempo e da distância, sempre teriam suas raízes ali, para onde poderiam retornar sempre que precisassem.

No banco da praça

Arthur Charão Klein

Através da janela de um transporte público, observo uma bela cidade, o que me fez recordar quatro anos atrás, quando pisei pela primeira vez aqui. Não sabia como chegar, qual caminho trilhar e, muito menos, o que estaria por vir, se seriam desafios grandes ou pequenos.

A aceitação demorou a acontecer, eu não sabia que isso era tão normal para um adolescente, que sempre tem a cabeça cheia dos mais variados pensamentos. E se eu nunca me encaixar? Sofria antecipadamente. Era um momento em que percebi que a gente sofre pelo que não aconteceu, acontecerá e pelo que já se foi.

Chegar a uma cidade nova, tendo apenas 12 anos, não foi uma tarefa fácil. Mas Santo Antônio da Patrulha me acolheu. Em apenas quatro meses, já tinha amigos suficientes para me fazer ter vontade de frequentar a escola e jogar bola no campinho.

E foi nessa época que comecei a escrever sobre meus sentimentos. Para mim, a escrita se tornou uma forma de colocar tudo o que a gente sente no papel, ler, refletir como se deve agir em tal situação e o principal: uma conversa consigo.

E foi numa folha de papel que coloquei os meus mais sinceros sentimentos. O que não esperava era que essa folha seria esquecida em cima do banco da praça do bairro Menino Deus, bem pertinho da escola, e encontrada por minha professora. Ela reconheceu minha letra, sabia que aquele texto era meu.

Dias depois, essa professora me propôs a escrever uma homenagem aos professores. E me convidou a frequentar mais a biblioteca, passou a recomendar livros, conversar mais comigo, elogiar meus trabalhos e solicitar que eu lesse para a turma todas as minhas produções. Somente no final do ano, no último dia de aula, entendi que ela tinha encontrado aquelas minhas divagações quando falou assim: “Que bom que estás aqui conosco”.

A decisão

Hellen Cardoso Santos

Dez anos após aquela decisão que mudaria minha vida...

Meu nome é Cecília. Atualmente, tenho 35 anos. Aos 25, decidi voltar a Santo Antônio da Patrulha, minha cidade natal, para cuidar da minha mãe, que estava doente. Meus planos eram de ficar por aqui enquanto ela necessitasse dos meus cuidados.

Todas as tardes, ia até a padaria comprar pão para tomar café com ela. Na ida, usava sempre o mesmo caminho, mas, na volta, gostava de fazer um trajeto diferente para conhecer a cidade melhor e relembrar minhas memórias de infância.

Foi num desses caminhos que vi uma fonte, com uma construção antiga e vários degraus que levavam até ela. Fiquei tão fascinada por sua beleza que decidi ficar um pouco ali. Comecei a sentir sede e enchi minha garrafinha com aquela água. Fui tomando pelo caminho de volta, sem saber o que me esperava.

Os cuidados com minha mãe passaram a não ser tão necessários, pois ela não estava mais doente. Porém sua idade avançada me fez pensar na importância de estar

mais perto dela. Foi então que decidi me mudar para cá. Minha mãe ficou muito feliz com isso e já me ajudou a procurar casa e emprego.

Comecei a trabalhar na parte do escritório de uma empresa e foi ali que conheci Cléber, que ficava na produção da rapadura. No início, eu não queria nada sério, mas a cada encontro, mensagem e pé-de-moleque na minha mesa, ele me conquistava. E deu certo no final.

Um tempo depois de já estarmos casados, fomos comemorar com minha mãe. Eu e ela decidimos ir até a padaria comprar pão e quis mostrar a tal fonte visitada anos atrás. Foi aí que ela me contou sobre a tradição da Fonte Imperial, de que, se alguém tomar daquela água, se casará com um rapadureiro.

Pegar aquele caminho e descer aqueles degraus foi a melhor decisão da minha vida.

Isso é coisa de Santo

Vitória Werner da Silva

“Filha, iremos te buscar daqui a alguns minutos, fique atenta, ok?” A voz tomada pelo ar de preocupação da mais velha ecoou pela janela do carro. Bianca, virando o rosto, apenas acenou a cabeça em concordância.

Um suspiro amargurado sai de si, como um protesto contra a situação que a acometia. Observava seus pais afastando-se com o carro, enquanto abria espaço para a visão de um fim de tarde alaranjado e um início de noite arroxeadado. O ambiente possuía uma beleza de encantar os olhos. Toda vez que decidia visitar o Santo da cidade, tinha uma nova visão de mundo, como se lá obtivesse a beleza que no cotidiano não era vista.

Visitava ali sempre que podia e amava passar um tempo a sós, no silêncio que somente ela e o Santo poderiam obter naquele horário. Porém aquela noite era diferente, estava ali não mais para admirar o que lhe era concedido aos olhos, mas, agora, para lamentar o que lhe foi negado ao coração. Era como se parte de seu corpo fosse arrancado sem ter ferida aparente, somente sendo lembrado pela insistente sensação de aperto em seu peito. Estava desesperançosa, apenas conseguia recor-

dar o quanto sonhou com aquilo, que agora a sua cidade ou, até pior, o seu Santo havia lhe negado com tamanha frieza.

A dor de não viver o tão sonhado amor que lhe fora apresentado lá na sua infância atacava Bianca como flechas venenosas, e o desejo de certa forma cômico de passar uma noite no Parque da Guarda junto ao seu verdadeiro amor trazia ao coração da menina uma tristeza cada vez mais inconsolável.

Sempre fora movida pela paixão, desde cedo, as histórias que ouvia, os romances que lia e até os pequenos contos que costumava escrever mantinham uma chama acesa em Bianca. Relatava quase que diariamente para sua mãe o quanto ela esperava encontrar alguém para ser o “chimarrão da sua rapadura” e desnorteava seu pai, a fim de que ele contasse novamente suas histórias apaixonantes e dignas de um livro, segundo ela.

Nos últimos anos, mais do que nunca, a euforia de saber que estava cada vez mais perto de encontrar alguém para compartilhar seus dias, fazia com que de todas as formas Bianca buscasse dar um empurrãozinho nessa área. Durante esse período, a garota tentou de tudo, desde fazer juramentos, colar ímãs do Santo em sua geladeira, até suas últimas (e mais “confiáveis”) opções, como passar o ímã de geladeira para o freezer e não permitir de maneira alguma que alguém encostasse uma vassoura em seus pés.

Porém a chama não iria se manter acesa para sempre. A cada vez que a garota tentava algo e não via resultado, sua euforia diminuía gradativamente. Lentamente, começou a crer que as superstições ensinadas por sua avó poderiam não funcionar de verdade e que tudo poderia

ser uma grande fachada para trazer esperança às “tiazonas” da época. Todavia, mesmo assim, ainda havia tentado sua última carta na manga e, talvez, a mais eficaz, beber a água da Fonte Imperial. Não fazia pela proibição clara de sua mãe, que sempre se preocupou com as condições da fonte da cidade, mas já não havia mais ao que recorrer e preferia ser xingada a ter que viver o resto de seus dias só.

Haviam se passado longos meses desde aquele benedito dia, e nada de uma resposta vindo dos céus ao seu encontro. Nisso tudo, acreditara que aquilo realmente não era para ela, pois, se mesmo procurando, buscando, tentando, recebeu um balde de água fria, não seria agora que iria permanecer nesse ciclo. Era ansiosa ao extremo, mas, para o romance, acreditava ter esperado até demais.

“Isso só pode ser coisa de Santo...”, as palavras de Bianca saem como um murmuro irritadiço, observando as feições esculpidas daquele a quem tanto havia confiado o seu amor. Porém, ainda inundada por seus pensamentos, não percebe alguém a sua frente e, quando menos espera, bate com tudo.

Desnorteada, porém alerta, seus olhos vão até o indivíduo e, como um reflexo, engole seco ao observar o esbelto rapaz a sua frente.

O rosto franzido com um tom preocupado e os cabelos escuros que se misturavam com a cor também escura de seus olhos faziam com que Bianca sentisse observar uma densa névoa, cheia de significado, mas ainda não mapeada.

Antes mesmo de sequer falar algo, a voz do mais alto se sobressai:

— Me desculpe... Eu deveria olhar por onde ando — disse ele, avoado.

— Não se preocupe, eu que deveria não andar tão distraída.

O silêncio reinou no ambiente, a vergonha da menina de falar algo que pudesse afastar o belo moço a sua frente fazia sua boca se fechar como um túmulo.

— Enfim, já que estamos aqui, por que não sentamos em algum lugar? — um sorriso envergonhado é dado pelo maior.

A concordância veio como um raio. Sentados, frente à estátua de Santo Antônio, trocavam conversas bobas, risadas fracas e, vez ou outra, olhares cúmplices, demonstrando de ambas as partes um contentamento com o rumo que sua história estava levando. A noite já havia enchido o céu, e a brisa fresca tomou enfoque que, com seu ar gélido, trouxe um choque térmico a ambos, fazendo com que se encolhessem imediatamente. Entre olhares, o ambiente foi inundado com as risadas.

— Acho que deveríamos ir embora, está começando a esfriar — a voz do mais alto ressoa nos ouvidos de Bianca, pondo-a em alerta imediatamente.

Não podia deixá-lo ir, tinha que fazer com que ele ficasse mais um pouco. Não era possível que, a esta altura do campeonato, seu prêmio tão esperado esvaísse de suas mãos tão facilmente.

— Se não for inconveniente, poderia me passar seu número? Gostei muito de falar com você.

A expressão de surpresa tomou o rosto de Bianca, agradecia por estar escuro, pois a cara que fizera não tinha explicação. Então, seria daquele jeito, tão fácil assim? Só poderia estar sonhando. Mesmo que, só em uma

conversa, Bianca sentia algo totalmente novo por aquele a sua frente, mesmo o vendo pela primeira vez, parecia que o conhecia de anos e suas conversas eram tão envolventes que não havia espaço para o silêncio. Algo dentro de si se aprontou a aparecer, agora não mais como uma faísca, mas, sim, sentindo a própria chama tomar seu peito, uma agonizante sensação de amar.

Entre troca de números e olhares, o garoto sai do local, deixando novamente o silêncio do Santo tomar seu papel. Porém, agora, a garota não mais possuía seu descontentamento visível com o que lhe acontecera, e sim um sorriso bobo entre os lábios que não se permitiam ser fechados.

Seus olhos foram em direção ao Santo e, mesmo de relance, não sabia se era pelo escuro ou se, depois de tudo o que passara, estava alucinando, mas com certeza vira o Santo Antônio piscar em sua direção. Trazendo a ela um agradecimento pelo “empurrãozinho”.

De repente a buzina do carro de seus pais ecoa, chamando a atenção de Bianca, que mais uma vez, olhando a imagem a alguns metros de si, sorri.

— Isso só pode ser coisa de Santo... — a risada fraca escapa enquanto, em passos rápidos, ia rumo a sua realidade, agora confiante, de que a estação do amor não só estava por vir, mas já havia chegado.

Conto de casa

Carolina Marques dos Reis

Em uma chácara, sentados no sofá, ela me ensinava como rimar. Com o “Poesia na Praça” na mão, interpretava os poemas, com toda dedicação, para que assim eu pudesse entender, o quão importante é ler e escrever.

A cada poema que no “Poesia na praça” escrevia, logo em seguida, mil cópias fazia. Distribuía para toda família: filhos, netos e pessoas queridas. Tudo om uma dedicatória bem grande na capa: “Espero que goste, minha neta amada”.

E assim foi o poema que também é um conto.

Mãe dos contos

Jussana Aparecida de Oliveira Fraga

Já escutei diversas histórias vivendo na cidade do sonho, a maioria delas contadas por minha mãe. Pensando nisso, concluí que este deve ser o momento de contar sobre a patrulhense que me ensinou como vive essa tradição.

É quase como uma regra que dona Nair segue à risca. Se somos visitados por um daqueles que fizeram parte de sua infância, teremos um momento cheio de lembranças, risadas e causos. Desde histórias de lobisomens, bruxas e seres místicos que vêm de gerações passadas, mas que ainda hoje se mantêm vivas, até os acontecimentos mais recentes. Tudo vira história. Com ela, tudo vira tradição.

Com seu chimarrão em mãos, ela performa — do jeito mais simples e extrovertido — momentos bons da sua infância, adolescência e vida adulta. Seu jeito de contar me transporta para dentro do espaço narrado. Somente com o poder de suas palavras, viajo através do tempo, assistindo à vida que ela viveu.

Minhas histórias favoritas são as contadas durante a noite, guardadas entre os cobertores, e que viram so-

nhos depois que adormeço. São nesses momentos mais calmos que consigo sentir sua respiração tranquila e seu cheirinho de mãe, relaxando minha mente e me permitindo sonhar com o futuro, imaginando como será quando chegar a minha vez de continuar esta tradição.

Conto em cima de verdade

Tainá Nunes de Andrade

É um lugar calmo, mas nem tanto.

É um lugar que por onde passam e falam:

— Cidade da rapadura, cidade da cachaça e, por fim, a cidade do sonho.

Passando por vários lugares para contar, mas passando na praça da figueira para me expressar.

Começando a escrever o conto, digo:

— Santo Antônio da Patrulha é um dos quatro primeiros municípios do Rio Grande do Sul, junto com Rio Grande, Rio Pardo e Porto Alegre. Com colonização basicamente de origem açoriana, com o decorrer do tempo, passou a ser ocupado, também, por italianos, alemães e poloneses.

Dou seguimento:

— No início de 1743, um moço chamado Inácio José de Mendonça e sua esposa se estabeleceram efetivamente na atual sede do município com “roças e casas”. Ele e sua esposa,

Margarida, fazem a exaltação da cruz e são considerados os fundadores do Município, por terem construído uma capela, batizada de Santo Antônio. Em volta desta

capela, surgiu um povoado que, mais tarde, se tornou o município de Santo Antônio da Patrulha. Atualmente, o local é onde se encontra a Pira da Pátria, bem à frente da Prefeitura, na Avenida Borges de Medeiros.

E por fim, sou apenas mais uma autora a escrever um conto em uma bela praça, mas com verdades a dizer.

A fonte do amor

Yuri Rodrigues da Silva

Eu nunca gostei muito de contos de fadas e de toda aquela história de ser feliz para sempre, até que conheci uma gentil professora, que amava falar. Falar sobre sua profissão, seus aprendizados e, principalmente, sobre amor.

Seus olhos brilhavam quando falava do seu companheiro de vida, um sorriso largo ao contar sobre seu primeiro encontro em um ônibus, enquanto ela ia para a faculdade e ele para o trabalho; seu coração batia forte, para que qualquer um pudesse escutar.

Por coincidência ou não, morava em uma casinha amarela de tijolos, ao lado da famosa Fonte Imperial. Alguns dizem que a gentil professora bebeu a água da fonte e, então, casou-se com seu verdadeiro amor. Até os que não acreditam na magia da fonte, quando veem os dois, não podem negar que ela é real.

(Em homenagem à professora Elizabete Meregalli.)

Parte 2

Escritores nem tão jovens



Memórias da Matriz

Cristina Moro Fishborn

O sino badala às 18 horas. Hora da Ave Maria. Horário em que a menina, ainda pequena, dirigia-se com a mãe até aqui para, de joelhos, rezar o terço das seis horas. Hoje, nessa mesma hora, acontece a missa de corpo presente. Não é mais a menina que corria por essa escadaria. É a senhora já idosa, que dá seu adeus às minhas paredes.

Nasceu em uma família cuja mãe não conseguia conceber. Então, devota que era de Santa Teresinha, fez a promessa de que, se engravidasse e fosse menina, daria o nome da santa de devoção à criança. Assim, nasceu Ana Teresinha, filha única, a princesa da casa, criada com carinho, superproteção e com a obrigação de ser um bom exemplo para todos que a conhecessem.

Desde pequena, frequentava as missas de terça-feira, dos pães de Santo Antônio, onde levava, junto com a mãe, um cesto com os pãezinhos feitos em casa. Aos domingos, vinham à missa das nove horas Ana Teresinha, pai e mãe. Assim, foi crescendo a menina, tão devota quanto sua mãe. Presenciei a catequese da Primeira Eucaristia, da Crisma e esperava, tão ansiosa quanto seus

pais, pelo dia de seu casamento. Seria linda a entrada da noiva angelical, pelo meu corredor, lindamente florido! Mas...

Ana Teresinha mostrou-se uma adolescente dissimulada e namoradeira. E uma jovem bem sacana, pelos padrões em que fora educada. Sempre participante das atividades religiosas, amiga das irmãs da escola em que estudava, logo passou a ser catequista. E, rapidamente, passou a se insinuar para o jovem seminarista, que aqui veio passar um tempo, auxiliando na paróquia. Ninguém desconfiava, mas, do alto de minha torre, assistia a todos os namoricos e agarramentos na praça, aqui em frente. E o seminarista e Aninha superavam os demais.

Assim, com medo da família e da represália da Igreja, os jovens fugiram. Ana Teresinha possuía algumas economias e joias herdadas da família. Passaram alguns anos fora. Quando o dinheiro acabou, ambos sem ter nenhuma habilidade que os tornassem capazes de manter uma família, com duas crianças para dar conta, voltaram para nossa cidade, à casa dos pais da moça, onde viveriam sob o comando, tradições e regras ali estabelecidos nos muitos anos que se seguiram.

Pé de Galinha

Daiçom Maciel da Silva

Quem diria que um lugar com tal nome pudesse trazer tanta beleza e boas lembranças!

Falo do Pé de Galinha, localizado no interior de Santo Antônio da Patrulha. Lá, eu brincava correndo solto, convivendo tranquilamente entre amigos e a vizinhança.

Nós, meninos, jogávamos futebol, pião, bolinhas de gude, pataca e tampinhas. A corrida de carrinho de lomba e de canoa de pé de coqueiro, em encostas gramadas e íngremes, também eram disputas divertidas entre a gurizada.

Sempre havia um joelho ralado. Afonso, o mais novo da turma, sempre ficava para trás e reclamava: “Esperem por mim!” Eu, sempre voltava para não deixá-lo sozinho.

Caminhávamos com os pés descalços, corríamos sem medo de nada.

Perigos? Desconhecíamos! Não havia risco de atropelamento nas estradas de chão batido.

As casas ficavam de portas abertas, não se ouvia falar em assaltos.

A vida era como uma lagoa parada, sem o agito do vento.

A diversão aos domingos era marcada pelo banho de açude, subir em pés de bergamotas para comer a fruta e jogar bola.

Ah, como eram boas as manhãs de domingo! Comer a guabiroba, a ameixa amarela, a laranja do céu e tantos outros frutos silvestres, acalentados pelo sol no frio do inverno.

A caçada de preás, o correr das lebres ao esquivar-se dos cachorros nos campos vazios.

As corridas das carreiras na rodovia sinuosa que ligava Porto Alegre ao Litoral (a “estrada velha”, também conhecida como a estrada da “cobrinha”, tantas são suas curvas). O ronco das flamantes “baratinhas”, nas mãos firmes dos manos Catarino e Júlio Andreata, José Asmuz e tantos outros, exímios pilotos que dividiam o povo e criavam torcidas à beira da estrada. Era uma gritaria: “Vai, Catarino; vai, Andreata!” Eram as chamadas corridas força-livre.

Aproveitava-se o sol, até desaparecer o último raio de luz sobre os matos ou pés de pitangas das caçadas de sabiás. A pesca com minhocas da terra, rãs ou lambaris também era a alegria daquele dia de folga. Terminando a pescaria, nova folia se fazia. Era hora de tomar banho de açude, muitas vezes, pelados.

Quando a noite chegava, eu e meus irmãos, cansados, mal conversávamos. Minha mãe sempre dizia: “Parece que não há criança em casa”.

Buraco do Bicho

Elita Portal

Enquanto isso, na localidade de Guarda Velha, distante uns 7 km da vila, num determinado ponto da estrada, havia uma vertente de água limpa, fresquinha, que matava a sede dos que por ali passavam e até paravam para descansar. As pessoas se deslocavam a pé, para ir até a vila, fazer compras e, até mesmo, ir às missas aos domingos.

A escola mais perto era na comunidade do Herval, distante uns 3 km da Guarda Velha.

Seu Albino tinha uma bodega ao lado da escola. Era um senhor meio carrancudo, demonstrava ter uns 50, 60 anos e sempre com um cigarro no canto da boca. Apesar de ser muito sério, tinha o seu lado brincalhão.

A bodega fazia a alegria da criançada. Aqueles que tinham o privilégio de possuir algumas moedas se deliciavam, comprando balas e um bolo inglês, muito cobiçado, na época.

Havia dois meninos – o Miguel e o Pedro, os quais frequentavam essa escola. Sempre se dizendo os mais

corajosos da turma, os colegas ficavam de queixo caído, ouvindo-os contarem seus feitos.

Seu Albino, percebendo isso, olhando para o chão, perguntou aos dois: “Vocês conhecem um lugar que fica no caminho de quem vem da Guarda Velha, que tem uma água muito fresquinha, que dá até para aparar com a boca?” Os meninos se olharam e, logo responderam: “Sim, senhor, seu Albino”, disse o Miguel.

Pedro também concordou, balançando a cabeça, com um sinal positivo.

Olhos arregalados, foram logo perguntando: “O senhor já tomou água lá?”

Seu Albino respondeu: “Não sou tão corajoso quanto vocês, nunca quis me arriscar”. “Mas, por quê, seu Albino?”, perguntou Pedro, o mais curioso. “Essa água fresquinha cai num buraco, vocês confirmam?” “Sim, senhor, seu Albino”, respondeu Pedro. “Pois é, esse lugar é conhecido como muito perigoso. Sei de muita gente que não passa mais lá, para não correr o risco de ser devorada por seres desconhecidos. Lá, já foi visto rastro de porco do mato, um animal muito perigoso, outros viram cobra tomando água, balançando o rabo, língua de fora, coisa de dar medo. Outros ouviram berros muito feios, parecendo alguém, muito desesperado. Até lobisomem, já foi visto lá”.

Os valentões ficaram tão apavorados, chamaram os demais colegas, contaram do risco que estavam correndo e começaram a discutir planos para enfrentar aquele perigo. Até que chegaram a um consenso. Armaram-se de pedras e varas de taquara; havia uma moita de taquaireira, bem perto da escola, e lá se foram. Pedras em punho, taquaras nos ombros, se borrando de medo, mas foram.

Ao se aproximarem, pé por pé, aos cochichos, o primeiro sinal. Chegou ali, também, muito assustado, um cabrito preto, magro, cheio de carrapatos, pelo ouriçado, que só queria matar a sede.

Até hoje, esse lugar é conhecido como Buraco do Bicho, na estrada que vem da Guarda Velha.

O jogo do amor

Joelson Machado de Oliveira

Era uma tarde mormacenta de março. Emiliano perambulava pelas ruas de Santo Antônio da Patrulha. Tinha aparecido por aqui um tempo atrás. Tinha negócios com alumínio e latão. Numa pequena fabriqueta pros lados do Bom Princípio, perto do campo de futebol do Esperança, onde fabricava conchas de alumínio, canecas e outros apetrechos.

Morava perto do Posto Shell. Era um pequeno prédio de dois pisos. Tinha um açougue embaixo, e a porta que conduzia para um apartamento no térreo, ao fundo, e uma escada que levava ao segundo piso, onde havia dois apartamentos. Num deles, o do fundo, morava Emiliano que, também, tinha casa de jogo de cartas.

No apartamento do térreo, ao lado da escada, morava dona Zuneide. Era viúva desde os trinta e poucos anos. Sempre morando ali. Sabia de tudo do prédio, principalmente das camangas de Emiliano.

Emiliano era alto, corpulento. Cabelos grandes que sobravam por fora de uma boina cinza que sempre usava. Diziam que tinha sangue de cigano e veio parar na

terrinha. Seguidamente, entrava com uma companhia no prédio. Era uma moreninha do Bom Princípio, uma de pele clara que morava na Rua do Sapo e, por último, uma loira da Bacia.

Dona Zuneide sabia de tudo, inclusive os homens que vinham jogar no apartamento de Emiliano.

Certo dia, estavam jogando, já era noite. De repente, foi uma gritaria subindo a escada:

– Eu pego esse ordinário! Hoje, ele não me escapa!

Pedro Lino, um dos jogadores gritou para Emiliano:

– É pra ti, companheiro. Te esconde na cozinha.

De repente, a porta se escancara, e aparece um sujeito com uma mulher agarrada pelo braço gritando para ela:

– Quem é o ordinário? Me mostra!

Ela totalmente apavorada falou:

– Nenhum, ele não está aí.

Enquanto isso, Emiliano saiu pela porta dos fundos, que também ligava ao corredor, e se mandou escada abaixo. A porta do prédio estava fechada. Dona Zuneide, vendo o que estava acontecendo e prevendo o desfecho, deixou a sua porta entreaberta. Emiliano não teve escolha, adentrou o apartamento da vizinha. De pronto, ela o mandou pegar na ponta de um balcão, e juntos encostaram-no na porta, trancando-a.

– Viste bem o que aconteceu Emiliano? Há quanto tempo eu te espero aqui. Mas tu preferes pegar aquela moreninha do Bom Princípio que só te enche de doenças, ou aquela branquela da Rua do Sapo que dá mais do que chuchu na cerca, e agora andas com aquela loira da Bacia que te arrumou encrenca com o marido. E eu aqui te esperando há quanto tempo?

– Mas Deus me livre, dona Zuneide, eu sempre a respeitei muito.

– Que nada Emiliano. Tu és metido a ganhão e ganhão só sente o cheiro e parte para a luta.

Emiliano estava cansado da transa com a loira naquela tarde, mais a falta de apetite com as carnes de dona Zuneide, que já não eram mais de primeira e, ainda, com o susto pela situação criada pelo marido da loira, o seu instinto de macho havia caído lá embaixo.

Mas dona Zuneide não titubeou e veio pra cima de Emiliano. Já foi tirando a roupa e mandando que ele tirasse a sua. Emiliano não teve escapatória e teve que enfrentar. Com a bandeira a meio mastro, mas enfrentou e foi para a guerra. Dona Zuneide chegava a babar no canto da boca de tanto gozo.

Depois, foi se acalmando e foi fazer um chá para dar para o ganhão cansado.

Ouviram quando a loira e o marido passaram no corredor. Ele esbravejando:

– Ele não me escapa! Eu pego este ordinário outro dia!

Passados mais alguns minutos, Emiliano destrancou o balcão da porta, despediu-se de dona Zuneide e subiu as escadas rumo ao seu apartamento. Lá chegando, Bento Cipó lhe falou:

– Escapaste desta, meu amigo, mas a coisa estava feia para o teu lado.

Emiliano, de pronto falou:

– Não dei uma surra naquele corno para não estragar o jogo de vocês.

Toninho Farias disse olhando por cima das cartas:

– Depois da onça morta, todo mundo vira caçador.

Olhou em volta da mesa, e estouraram todos numa risada só.

Emiliano aguardou um pouco, depois, falou:

– É melhor nós continuarmos com o jogo. E jogaram até o amanhecer.

O extraterrestre nos fundos de casa

Luciane Machado

É meio-dia, o sol brilha lá fora. Necy resolveu, então, tirar sua soneca após um delicioso almoço.

Eu sou Jully, e Necy é minha cachorrinha da raça pug. Moramos em um sítio, na RS-030, no Barro Vermelho, e aqui é muito calmo. Quero contar para vocês do dia em que vi algo muito estranho e curioso. Então, estou escrevendo no meu diário. Já contei na escola, ninguém acreditou, mas tirei dez em minha atividade.

Tenho 11 anos, sou já uma pré-adolescente, embora minha mãe ache que não. Já sou madura o suficiente e entendo que isso já me coloca em situações complicadas, como ter que cuidar da Necy quando ela quer se aventurar por aí. A Necy é assim, ela tem um jeito delicado, mas é só aparência, corre atrás das galinhas, nem parece uma pug, e sim um labrador. Tudo aconteceu no dia em que eu precisava realizar uma tarefa de casa da escola, e achava que não iria conseguir sozinha, contar uma história, eu não sabia o que poderia escrever. Não gosto de tarefas assim, não sinto inspiração a todo momento.

Então resolvi ir com a Necy ao pátio, ela estava louca para fazer uma aventura, e pensei: “Será legal! Podere-

mos descobrir algo por aqui”. Foi então que andamos pelo pátio, passamos da horta da mamãe, dos pés de frutas, do abacateiro do vovô, e lá perto do mato, Necy parou e começou a latir, olhava para as árvores e não parava de latir . Fiquei com medo, perguntei:

– Tem alguém aí?

E o silêncio, somente vento passando pelas folhas.

– Vamos, Necy! Pra casa! Chamei-a com autoridade.

Mas insistiu ali, naquele lugar e latia muito. Eu não poderia entrar ali, já estávamos longe e em lugar que mamãe disse que não devo ir sozinha. Então, gritei:

– Vamos! Vou te deixar sozinha aí, estou indo.

Com medo, fui voltando, e ela não me acompanhou.

Já nas laranjeiras, olhei para trás e vi que ela veio correndo. Fiquei animada, pensei.

– Boa garota! Até que enfim, você obedeceu!

Logo, vi sair da mata um ser estranho de grandes olhos, todo verde, só pode ser um extraterrestre. Eu gritei, ele saiu correndo para as árvores novamente.

Corremos para casa, contei para todos e fiquei de castigo. Não posso ir lá para os fundos sem supervisão de adultos. E ninguém acreditou em mim. Mas eu vi! Nós, Necy e eu nunca mais vamos sair daqui de dentro de casa, ficamos com medo.

A professora gostou da história, meus colegas ficaram impressionados com a coragem da Necy, outros não acreditaram.

Após contar a história, eu disse

– Podem perguntar à minha pug, foi verdade.

A Necy está bem comportada agora, o susto foi grande que só vai à frente de casa, deixou as galinhas em paz.

“O extraterrestre nos fundos de casa” foi o nome da

minha história, meus amigos querem vir aqui em casa ver se é verdade. Claro que é! Mas até ele precisou ir para casa, cada um tem sua vida.

Um episódio da legalidade em Recanto das Flores

Luiz Nicanor

Dos acontecimentos que movimentavam a pacata cidade de Recanto das Flores, elevando um pouco o nível da mesmice e da pachorra, talvez o maior fosse a saída de algum dos moradores, ou só o filho ou a filha de algum deles, neste caso para estudos, principalmente em Porto Alegre. Mais ainda chamava a atenção quando o filho ia para as europas, como eles diziam.

Desta vez, o assunto caiu na família de seu Hilário Mattoso, o dono da única rede de farmácia do local. Ele tinha um filho único, o Maurício Pimenta Mattoso, que o pai alimentava o desejo de vê-lo formado médico. Ele com três farmácias e o filho com o diploma de esculápio, só dava na vista que viria coisa boa para o futuro. A ida do moço, de apenas 16 anos, para Porto Alegre, foi no ano de 1961, nos finais de fevereiro, no domingo, dia 26. O pai conseguira uma vaga no pensionato do famoso Colégio Nossa Senhora das Dores, e ali matriculara o filho.

Muito aplicado, o menino cada vez conquistava notas a chamar a atenção dos professores. Todos os fins

de semana ele voltava para a casa dos pais, entretanto mal dava uma saidinha para conversar com os amigos e usava todo o tempo para recordar e se aperfeiçoar nos estudos. O plano dele era passar o mais rápido possível no vestibular de medicina da UFRGS, que sempre exibiu a fama de ser o mais disputado.

As aulas transcorriam pela manhã, das 7h30 às 12h e, à tarde, após o almoço e um rápido descansinho, todo mundo se reunia nos quartos para estudar as matérias do dia e, se houvesse disponibilidade, já ir adiantando as novas etapas dos dias vindouros. O que tinham mesmo que fazer, se o escopo era passar num vestibular, só escoaava para um desiderato: estudar e estudar.

Um incidente que chamou muito a atenção do aluno Maurício Pimenta Mattoso foi conhecer dois estudantes que vieram de outra cidade interiorana também pacata e similar à que ele morava, mas com o diferencial de que era mais próxima das praias, tendo a de Tramandaí como uma espécie de bairro nobre ou de prolongamento de Santo Antônio da Patrulha. O chique era a maioria dos moradores se encontrar lá naquele balneário nas tradicionais férias de verão, ou mesmo em eventos de inverno. Quanto aos dois estudantes, um deles era um rapaz muito tímido, muito quieto, filho de um famoso médico, famoso mais ainda por atender praticamente só de graça, pois era um filósofo que não levava a sério os valores pecuniários da vida. Este estudante, que lá se matriculou ainda também com apenas 16 anos de idade, veio com a convicção certa de trilhar os caminhos da medicina, como fizera seu pai. Contudo, o que ele mais gostava era de ler e de escrever, pensando que o desejo maior de sua vida seria o de ser escritor. Antes de concluir o giná-

sio, na Escola Normal Santa Teresinha, havia já publicado uma novela em capítulos no jornal do educandário, A Voz da Escola, e cerca de três poemas, sendo que o primeiro era um soneto. Mas decidiu seguir o desejo maior de seu pai que era ter um filho médico. Este patrulhense chamava-se Luiz Nicanor e vinha de uma família com oito irmãos. O outro colega era o Cláudio Villa Verde, filho de família tradicional da cidade e que já cursava o segundo científico. Além de ser um moço ao extremo de requintado, dois anos mais velho do que o Nicanor, gostaria de iniciar logo a sua vida na lavoura e na pecuária, o que eram uns dos maiores fatores das economias dos municípios interioranos e, deste modo, acabou desistindo de continuar com os estudos.

Quanto ao Nicanor, a princípio foi visto como um interiorano típico, embora ele tivesse conseguido uma façanha que elevou muito o moral dele. No primeiro boletim, que sempre uma cópia era exposta em local bem visível do pátio maior do educandário, para que todos os demais estudantes, tanto pensionistas como os não pensionistas pudessem ver e se compararem, o Nicanor ostentou um zero em matemática. Tirar zero era uma prova de ser bon vivant, que não dava muita bola para o rigor dos estudos e pensava mais em viver e aproveitar a vida. Para o Nicanor, criado por família católica, aquele modo despudorado de encarar a vida, sempre vendo a mulher como um simples quebra-galho dos homens para que não ficassem perdendo tempo com o pecado solitário, o que ele logo percebeu era que teria de, pelo menos, tentar se readaptar com aqueles colegas. Mas, com o peso na consciência do trabalho que estava tendo o pai dele, que inclusive se valera de amigos para con-

seguir uma bolsa de estudos, confessou ao pai que não dera bola e não fora aplicado, apenas por um desafio dos colegas, e que, agora, iria comprar mais um livro de matemática, como sugerira o pai dele –, e que ele, aluno, de início, considerou um absurdo a tal compra –, para também ficar todos os fins de semanas, quando visitasse os pais, apenas grudado no livro. Assim, no mês seguinte, o Nicanor quebrou um dos tabus que era muito apregoado em todos os anos no educandário. Era quase uma missão impossível alguém tirar dez em matemática. Pois o Nicanor, no mês seguinte, ostentou um dez em matemática e, assim, com média cinco, voltou a ter chance de não rodar. Dali para a frente, mesmo não chegando a outro dez, sempre tirava notas bastante altas, o que só fazia, a cada mês, aumentar mais a média.

O livro em questão era o Matemática para o primeiro ano colegial, de Ary Quintella.

Outro tabu muito sério era o de alguém conseguir um dez em português. Neste caso, o desafio era muito maior ainda. Apenas para adiantar o tempo, em 1963, quando no terceiro ano científico, o Nicanor teve o prazer de ficar muito falado em todas as aulas. Ostentou um dez também em português.

Contudo, voltando ao nosso detalhe que é o foco da narrativa, numa tarde de sexta-feira, mais ou menos fria, no dia 25 de agosto, todo mundo já cansado e louco de encerrar os expedientes, muitos com viagem ainda marcada pela noite, outros com saídas na capital, e mesmo os que, de vez em quando, eram obrigados a passar ali os fins de semanas, todavia os estudos, de inopino, foram interrompidos antecipados, perto das cinco horas da tarde, pela entrada resoluta de um colega morador

da capital e que conseguira permissão para se dirigir ao quarto andar do prédio onde ficavam os alojamentos dos alunos.

Vale lembrar que, no dia 25 de abril deste mesmo ano, numa terça-feira, morreu em Porto Alegre um dos maiores castilhistas, o Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, o qual já fizera uma visita a Santo Antônio da Patrulha, em 1907, e ficara hospedado na casa do Coronel Antônio Maciel da Luz.

O irmão que cuidava da disciplina e inclusive pousava no andar, apareceu, ao perceber que alguém falava meio afobado desde a chegada.

– O que que houve? – perguntou o irmão, – isso não são horas de visita. Só após as seis horas...

– Mas eu tenho uma notícia quente para dar a todos os colegas. Preciso falar com eles...

A esta altura todas as portas dos quartos, que estavam semiabertas, se escancararam ao excesso e todo mundo começou a entupir o corredor. O irmão pediu que eles se dirigissem à sala de recreação, onde havia um barzinho para lanche e refrigerantes, porque era inviável manter todo o pessoal aglomerado naquele espaço exíguo.

Enquanto todos interromperam a entrada no recinto, e se amontoavam na porta da sala de recreação, porque o visitante, muito afoito e desesperado para vomitar a novidade, já começou falando antes de todos entrarem e eles simplesmente formaram uma massa compacta e obstruíram a porta sem nenhum tomar a iniciativa de organizar a entrada no recinto. Sem se preocupar com o tumulto, o visitante, de início fez a seguinte pergunta, atirada, mais uma vez, a todos:

– Quem é o presidente da República?

Um dos pensionistas, que estava logo à frente, trancando a entrada, foi já dizendo, aborrecido por aquele tipo de conversa tão sem propósito e fora de tempo:

– Ora! Mas que pergunta mais besta! É claro que é o Jânio... O famoso “varre, varre, vassourinha!”

– Não; é o Mazzilli... O Ranieri Mazzilli.

Era uma tarde agradável, repitamos, do dia 25 de agosto de 1961, em Porto Alegre... Naqueles idos, mesmo durante o dia, após as aulas, pela manhã, todos os estudantes apresentavam-se com os cabelos untados de brilhantina, camisa social impecável e a maioria de gravata de seda pura. Era a moda. Além da gravata, alternavam com echarpes também de seda...

E, de repente, todos eram interrompidos em seus estudos para ouvirem a novidade, com artigo definido, trazida por um visitante extemporâneo, colega de aula, morador da capital.

No entanto, não foram necessárias muitas explicações nem suspense. Logo estavam todos com seus rádios portáteis ligados na Guaíba, acompanhando as notícias. O famoso presidente recém-completando sete meses de governo, destacado pelos seus bilhetinhos a proibirem rinhas de galo, uso de biquíni nas praias, uso de lança-perfumes, corridas de cavalos nos dias de semana, naquele dia 25, pela manhã, já havia avisado da decisão de renunciar à presidência, e, às 3h da tarde, já enviava o documento e duas horas após a renúncia era acatada. O presidente enviara o seu último bilhetinho, este endereçado aos ministros militares, com o sensacional renúncio, seguido, mais tarde, pelo antológico motivo: Fi-lo, porque qui-lo!

O Nicanor aproveitou para contar que, em Santo Antônio da Patrulha, todos os postes, que eram de eucalipto, foram brindados com uma vassourinha pregada no topo do mesmo e que, num sábado de primavera de 1960, Jânio Quadros desceu de avião na cidade vizinha de Osório e depois foi trazido para a terra da cachaça e da rapadura. O episódio, mais tarde, foi escrito pelo cronista Joelson Machado de Oliveira com a colaboração do historiador Renato José Lopes.

O Maurício Mattoso falou das vassourinhas nos postes de Recanto das Flores. Mas o pessoal estava mais preocupado com o que iria acontecer agora.

Em seguimento, no mesmo dia, Jânio Quadros voou para a Europa.

O que se sabia era que naquela mesma sexta-feira, o vice-presidente João Goulart liderava uma missão comercial na República Popular da China.

Ranieri Mazzilli, o presidente da Câmara dos Deputados, assumiu como presidente interino, ficando o poder centralizado na mão dos ministros militares da Guerra, da Marinha e da Aeronáutica. Os três constituíram um grupo e vetaram a ordem jurídica da posse do vice e decidiram que se convocassem novas eleições. A decisão foi considerada um golpe de Estado.

Os três ministros não tinham o respaldo suficiente da sociedade e das forças armadas. Os militares estavam divididos. Surgiram manifestações graves.

Como diriam os historiadores: a Campanha da Legalidade foi uma mobilização civil e militar no intuito de garantir a posse de João Goulart como presidente da república, não acatando o veto dos Ministros das Forças Armadas.

Leonel Brizola, o governador do Rio Grande do Sul, aliado ao comandante do III Exército, General Machado Lopes e a Brigada Militar, após o veto dos ministros militares à posse natural de João Goulart, e de toda a crise política que se seguiu, criou a Campanha da Legalidade, e uma das suas atitudes foi a requisição da ZYU-58 Rádio Guaíba de Porto Alegre, aos porões do palácio Piratini.

A cadeia da legalidade conseguiu reunir 150 emissoras com este propósito.

Os estudantes, originários de diversas cidades do interior do Rio Grande do Sul, de imediato saíram às ruas de Porto Alegre e, após verificarem as barricadas e os arames farpados na Rua da Praia, principalmente nas áreas próximas aos quartéis, os sacos de areia e os rolos de arames em torno do palácio Piratini, retornaram as suas cidades de origem, a maioria certa de uma iminente guerra civil.

Em muitas outras cidades do interior, era chamativo de atenção o clima de guerra, onde se proibiam as aglomerações de pessoas, e, em Recanto das Flores, ainda havia a postura do Comandante da Brigada Militar, um Primeiro Tenente, a andar a pé ou a cavalo, empunhando um imenso chicote, além de bem armado, ostensivamente impedindo qualquer sinal contra a ordem pública...

Outro fato bastante significativo, e também a chamar muito a atenção, era em todas as casas, em todos os estabelecimentos comerciais, nas praças e mesmo nas ruas, haverem pessoas praticamente 24 horas por dia com os ouvidos colados num aparelho de rádio de chão, ou de mesa, ou portátil, ligados nas ondas da Guaíba.

Em muitas casas, onde havia rádio de chão, principalmente o Phillips, era impressionante o número de vizi-

nhos que ia às casas e se acercava do rádio para ouvir os pronunciamentos e o desenrolar dos fatos.

Vários rapazes se aglomeravam com o propósito de se apresentarem como voluntários a uma possível guerra civil...

Talvez, o episódio mais contundente fosse ouvir o apelo indignado de Leonel Brizola:

– Querem calar a minha voz! – e a conclamação do mesmo a todo mundo se manterem em suas casas e o mais longe possível do palácio Piratini.

Nos dias 28 e 29, a totalidade das pessoas entrava em polvorosa pelas conversas de botequins e outros recantos, isso durante o dia, pois, após o toque de recolher, mais de duas pessoas na rua era considerado motim.

Havia a confirmação de uma ordem do ministro militar da Aeronáutica, Gabriel Gün Moss, para a Base Aérea de Canoas sobrevoar o palácio Piratini durante várias horas para assustar e mostrar que havia a intenção de calar de vez aquela subversiva voz. Outros já falavam que a ordem era a de bombardear o palácio e efetivamente calar para sempre aquela voz tão subversiva e inimiga da pátria. Muitos já levantavam o assunto que os pilotos estavam recalcitrantes com a ordem e que iriam cortar o ventil dos pneus dos aviões e assim impedir de os mesmos decolarem. Um pessoal já falava que os pilotos que iriam cortar os pneus estavam preocupados, pois aí ficaria visível que houve sabotagem da ordem. Diversos argumentavam que os aviões, uma vez decolados, não teriam mais condições de aterrissagem sem explodir as bombas. Isso significava que não havia como abortar a ordem, salvo se largassem as bombas em lugares afastados, mas vários grupos já comentavam que para fazer

isso não teriam combustíveis suficientes para retornarem.

Houve resistência dos comandados e o povo em massa cercou o palácio em solidariedade ao dito revolucionário.

Na terça-feira, com a aquiescência da Brigada Militar, todos os moradores possíveis se reuniram no salão paroquial da cidade para tomarem uma atitude diante daqueles fatos que pareciam um indício evidente de uma iminente guerra civil.

Ali, em Recantos das Flores, além das autoridades, estavam reunidas as pessoas mais representativas da localidade, como os orizicultores Hildebrando Fuentes Viegas e sua esposa dona Vitória Alvarado Viegas, mais os cinco filhos, sendo o mais velho o Ronaldo, seguido de o Amarildo, o Suetônio, o Alonso e o caçula com apenas dois anos; Teodoro Gaio e esposa, dona Erotildes, com o filho Jorge Viriato; Gervásio Cerqueira e esposa, dona Eldora, com o filho Manuel; o distinto Emerenciano Deodato e suas cinco filhas: Mara Viridiana, Mirto, Marcela, Micaela e Manuela; o comerciante de secos e molhados Tiago Santana de Mello; o Olivério Romano, da movelaria principal da cidade; o Atanásio Lopes e Deolinda, do jornal Flor da Serra, com a filha Gabrilea; a família do Gelson Vektorato; a família do Pedro Nunes; o Juvêncio Antunes de Fraga, casado com Nazaré e com três filhos, de 9, 8 e 6 anos; o Gilberto Amoedo, dono da maior magazine da cidade, entre os demais cidadãos do próspero e sossegado município.

Contudo, quem mais fora solicitado e o alvo de todas as perguntas era o Maurício Pimenta Mattoso, filho do farmacêutico Hilário e de dona Adelina, pois o mesmo estava em Porto Alegre, no olho do furacão. Era uma tes-

temunha ocular de alguma coisa muito séria e que ficaria para sempre registrada na história.

O orador e líder do grupo reunido, o presidente da Câmara de Vereadores, senhor Demócrito de Sá Pereira de Brito e Araújo, solicitou que ninguém se omitisse e se inscrevesse numa folha que seria passada de mão em mão para, na ordem de assinaturas, falarem na tribuna ali improvisada, pois todos queriam e tentavam falar ao mesmo tempo, todos tinham uma importante opinião para apresentar aos demais que, ao fim e ao cabo, tudo virava em apenas uma algaravia de som de fundo, sem sentido e sem lógica e sem conteúdo que se pudesse aproveitar.

A lista foi passando de mão em mão. Como estava demorando, o seu Demócrito de Brito e Araújo, o presidente da Câmara de Vereadores, pediu silêncio ao microfone e disse que se alguém mais quisesse assinar a folha e não houvesse mais espaço que ele distribuiria outra, mas já ia avisando que eles não tinham a noite toda para ouvir todo mundo.

Houve um murmúrio de fundo que não se percebeu se era de aprovação ou desacordo com a posição de Demócrito e ele resolveu ficar calado e esperar pela lista.

Um dos presentes se apressou, subindo ao palco para apresentar a lista ao presidente da câmara, onde se encontravam ainda o prefeito, o padre, o delegado, o juiz, o tenente da brigada e mais outras autoridades e ainda representantes de alguém que não pôde comparecer.

Ao levar a lista aos olhos só havia um nome e uma assinatura escritos na mesma. Era a do professor Luribino Berilo dos Santos Rillo. Ele era professor num colégio cenicista que ali abrira há pouco tempo. Além de criado o Colégio Cenicista de Bento Gonçalves foi criado o Colé-

gio Cenicista de Recanto das Flores. Na referida cidade de Santo Antônio da Patrulha, através da Portaria MEC n.º 294, de 27 de julho de 1960 foi fundada a Escola Barão do Cahy com os Cursos Comerciais Básicos e Técnico de Contabilidade. Escola cenicista que foi encerrada em 2001.

Com voz embargada o presidente da câmara perorou:

– Mas onde foi parar o patriotismo de nosso povo? Em quem vamos confiar nesta cidade para a nossa proteção? Por que só um professor, que nem é daqui, que está recém se adaptando com a nossa cidade, este dileto e grande patriota, é o único que tem coragem de dizer alguma coisa?

Todos ficaram num silêncio que deu a impressão de o salão ficar totalmente vazio, como se num passe de mágica todo mundo houvesse evaporado.

O político não perdeu a oportunidade de perorar:

– Não pedi um minuto de silêncio pela morte do patriotismo de vocês. Pedi que alguém me explique o que está acontecendo.

Nisso, um dos presentes ergueu a mão e disse:

– Uma questão de ordem, excelência. Se existe alguém que se inscreveu para falar em nome de todos nós, como assim eu presumo, vamos dar a chance de o orador nos trazer suas tão bemvindas palavras.

Desta vez, parecia que ocorrera um cena de ressuscitação coletiva. O salão quase veio abaixo de tantas palmas e vivas e hurras.

O Demócrito não perdeu o vezo de puxar os louros para sua própria cabeça:

– Pois que venha o nosso orador ocupar a nossa tribuna. Este magnífico representante de nossa pátria e que

muito nos honra com sua coragem e desenvoltura!

Em passos calculados, apertando a boca, franzindo excessivamente a testa, o magnífico representante de nossa pátria surgiu lá do final do salão, e, sem qualquer palavra e gesto, foi abrindo as águas do Mar Vermelho, pois todos se afastavam para não causarem embaraço na caminhada dele, aquele já garantido herói nacional que pularia direto para as páginas da história, e tinham todos os olhos e atenções naquele rapaz alto e magro, talvez com cerca de 25 anos, que subiu as escadas do palanque e se dirigiu à mesa central apertando a mão de um a um e saudando a todos.

Depois, continuando com passos artificiosos, se dirigiu ao microfone, testou duas vezes o som dizendo “alô! alô!” e começou, com voz baixa e pausada, a nomear um a um dos amesendados e saudando a totalidade das autoridades presentes incluindo os que enviaram representantes. Começando, é claro, com o vereador a presidir a mesa:

– Ilustríssimo senhor presidente da Câmara de Vereadores desta comarca, senhor Demócrito de Sá Pereira de Brito e Araújo, muito digno vereador de nossa comarca de Recanto das Flores; ilustríssimo...

Talvez, ele deva ter levado, de propósito, falando bem devagar e escandindo, uns possíveis cinco ou mais minutos naquela ladainha.

Os ouvintes já se corcoveavam indignados: aquilo parecia um discurso político em causa própria, talvez uma possível candidatura a vereança ou até mesmo à prefeitura.

Nisso, o Luribino Berilo dos Santos Rillo deu um berro como se quisesse derrubar uma parede, se esforçando

ao máximo para não deixar transparecer o descolorido da voz:

– Não podemos ficar de mãos atadas como pessoas inúteis e sem palavras e ações diante das desordens e desmandos que estão assolando nosso país, nosso estado e nosso município. Isso só vêm em prejuízos por uma causa eminentemente política de não se querer deixar um legítimo representante do povo de galgar os degraus de uma posição angariada legitimamente pela voz in-substituível das urnas, legitimamente de acordo com a escolha do povo, legitimamente como reza a Constituição de nosso país, esta Carta Magna que muitos querem transformar numa peça de museu ou um tapete velho que se pisa em cima e se limpa a sujeira de seus calçados ou os tacões de suas botas.

Fez uma pausa para tomar uns goles de água enquanto o salão vinha abaixo de tantas palmas e sapateados. Sendo óbvio: o sapateado como aprovação e não como se vaiava nos teatros através da pateada.

Luribino Berilo dos Santos Rillo retomou a palavra:

– Um dos pontos que eu quero colocar é que esta atitude que pode degenerar numa guerra fratricida, sem vantagem nenhuma, pois o povo está dividido, é que o crime maior se estriba no esquecimento do que é um estado democrático e de direito.

Uma pausa:

– Outro ponto que eu quero colocar é que sabemos que o nosso povo é patriota e que sem dúvida vão entrar num consenso e chegarem a um denominador comum!

Nova pausa:

– Outro ponto que eu queria colocar...

Depois de querer colocar outros pontos, já chegando

ao décimo, a plateia começou a sentir-se irritada. O que parecia um discurso a Rui Barbosa, estava se tornando em algo repetitivo e dispersando as sentenças iniciais, pois muitos já estavam perdidos, preocupados de como narrariam depois para amigos e parentes e mesmo estranhos a epopeia de Luribino Berilo dos Santos Rillo, pois as ideias já começavam a se embaralhar nos cérebros das pessoas acostumadas a assuntos mais revestidos de trivialidades; aquilo já estava lembrando a narrativa de alguma história fantástica; parecia que o orador estava perdendo o rumo, já caía sem piedade numa das valetas ou mesmo num próprio abismo por ele cavado no caminho de precária iluminação em que tentou palmilhar, confiando na sonoridade e no efeito dos ouropéis e penduricalhos das palavras bombásticas.

Isso foi mais ou menos o que escreveu o jornalista do hebdomadário Flor da Serra, numa edição extra que vendeu como água para sedentos do deserto do Saara, como todos se sentiram ao serem partícipes daquele memorável episódio que brilharia nas páginas de ouro da história de seu famoso município. Ninguém captou a eiva da ironia e viu no palavreado do jornal um dos maiores elogios ao orador.

não vamos atrapalhar o discurso de nosso professor Luribino Berilo dos Santos Rillo, no entanto, como narrador, sabemos que detalhes assim não devem ser incluídos num final de conto; permitir-se-me-á, portanto, a oportunidade de sanar esta dificuldade, sendo-nos obrigado a incluir o detalhe que certamente aconteceria, de modo antecipado, para não atrapalhar o desfecho, com o testemunho da obviedade do que me é permitido, e ainda com o bonde andando, sem saber se, de fato, che-

garia ao destino, e sem o descuido de querer sentar na janelinha.

Quando Luribino Berilo dos Santos Rillo percebeu que estava perdendo o leme do barco e que o mesmo já estava à deriva, começou mais uma vez a gritar e puxar o leme contra a correnteza aumentando a velocidade de sua peroração de capacidade convicta a desancar qualquer tribuno da antiga Roma.

– Meus senhores e minhas senhoras, meus queridos amigos e meus amigos patriotas, eu vou dizer qual é a minha ideia para acabar de vez com este problema e trazer um pouco de tranquilidade à nossa cidade enquanto o assunto não seja resolvido.

– Antes de aqui subir e falar, ao me dirigir para este salão paroquial, eu já vim munido com um ofício que apresentarei aos senhores e pedirei que todos assinem para mandarmos para os ministros militares.

– Eu estou solicitando aos três ministros militares, o marechal Odílio Denys, da Guerra, o vice-almirante Silvio Heck, da Marinha e o brigadeiro do ar Gabriel Gün Moss, da Aeronáutica, que nos sedam, o mais rápido possível, um canhão antiaéreo para montarmos aqui no pátio da nossa Igreja Matriz e todos os dias alguns dos nossos brigadianos ficarão de prontidão.

– Se os aviões que pretendem bombardear o palácio Piratini resolverem desovar as bombas em outro lugar, uma cidadezinha como a nossa pode virar alvo, pois eles devem escolher sempre alguma cidade com menor número de habitantes.

– E já deixo registrado aqui, na presença de todos, que eu conheci um brilhante aluno da Escola Preparatória de Cadetes, da Redenção, em Porto Alegre. Esse moço,

de nome Paulo Cezar Timm, foi designado para montar guarda a um canhão antiaéreo que se postara junto do monumento do Expedicionário, na Redenção, justamente para proteger a Escola Preparatória de Cadetes. Se eu não conseguir com a minha petição aos três ministros militares, talvez eu consiga este canhão que está aqui perto de nós.

– Portanto, meus amigos, vamos pedir um canhão antiaéreo para a nossa legítima defesa e esperemos tranquilos o problema se resolver. Tenho dito.

Inácio e Margarida

Marilani dos Santos Bernardes

Inácio começou a trabalhar aos oito anos. Era engraxate na Cidade Baixa, às voltas da rodoviária. Mas não gostava do ofício, pois acabava se sujando e gostava de andar sempre limpinho. Do que ele gostava mesmo era de ver chegarem os ônibus da Unesul. Nunca havia entrado num. Aí, veio a ideia de vender rapaduras. Poderia entrar e oferecer nos ônibus, como alguns outros guris faziam. Estudava pela manhã e conseguiu o emprego de vendedor de rapaduras no turno da tarde. Quando entrou em um Unesul pela primeira vez, achou a coisa mais linda! “Como era grande aquele carro! Fileiras de poltronas que deveriam ser muito fofinhas. Que agradável seria viajar num deste!” Ficou meio abobalhado em seus devaneios, até que o motorista chamou-lhe a atenção:

– Anda, guri! Oferece tuas rapaduras! Ligeiro! Daqui a pouco o ônibus sai!

– Sim, senhor!

E saiu pelo corredor, meio sem jeito, passando de banco em banco:

– Rapadura? Rapadura? Rapadura?

“Gostei!”, pensou ele, quando saltou do ônibus.

Às vezes, vendia alguma rapadura. Às vezes, nada. E seguia sua oferta pelas cercanias da rodoviária, gritando:

– Rapadurêêê!

Em uma tarde de quarta-feira, Inácio adentrou no ônibus recém-chegado à rodoviária e, como de costume, passou pelos bancos para oferecer as rapaduras. No quarto jogo de bancos, estavam uma menina e uma senhora em torno de uns sessenta e poucos anos, que Inácio supôs ser avó da menina. Mas que gurua! Era linda! Olhos bem verdes, pareciam duas azeitonas, cabelos castanho-claros, encaracolados. Inácio não conseguiu dizer palavra. Um rubor lhe subiu às faces.

– Rapadura, Margarida? – perguntou a senhora.

A menina, timidamente, fez que sim com a cabeça, olhos baixos. Também notara Inácio e sentiu em suas faces o mesmo rubor.

Inácio nem se atinou mais a prosseguir em suas vendas. Desceu do ônibus sentindo o coração aos pulos.

“Então é Margarida o nome dela? Combina, pois é linda como uma flor!”, falava ele consigo mesmo.

E vem dia, e vai dia:

– Rapadura? Rapadurêêê!

Na quarta seguinte, novamente, ela e sua avó no ônibus. A mesma palpitação. Já sabendo seu nome, ele ousa perguntar:

– Rapadura, Margarida?

A menina corou novamente. A avó sorriu para dentro e pediu a Inácio:

– Vê uma das pequenas hoje...

E assim se seguiu por algumas quartas-feiras. Ele desceu do ônibus e corria para ver Margarida, que lhe acenava pela janela.

Chegou a próxima quarta-feira, e elas não estavam no ônibus. E nem na próxima. E nem nas próximas. Inácio sentia-se tão desolado! Nesse tempo, mesmo com apenas dez anos, já sentia sua primeira experiência de coração despedaçado.

Seguiu sua vida, vendendo rapaduras por mais um tempo, depois entregando jornal, depois ingressou em uma fábrica de calçados e, mais tarde, já com 17 anos e formado no segundo grau, mudou-se para Caxias do Sul, para morar com um irmão mais velho e por lá seguir trabalhando. Casou-se, teve filhos.

Ficou viúvo. Já aposentado, decidiu que retornaria para Santo Antônio, para cuidar da propriedade dos pais, já falecidos. A casa precisava de uma boa reforma. E assim, depois de tudo arrumado, Inácio sentia-se satisfeito com as benfeitorias que fez no lugar. Mas salgo o inquietava. Era a solidão.

Navegando pelas redes sociais, um dia viu algumas sugestões de perfis para solicitar amizade. Fez o convite a algumas mulheres, mas nenhuma o interessou além da amizade virtual.

Em uma noite de insônia, deitado e mexendo no celular, viu o anúncio de um aplicativo de relacionamentos. Por que não? Fez o cadastro e começou a navegar pelo aplicativo. Até que um dia, num domingo de tarde cinzenta, um perfil lhe chamou a atenção: Flor.

– Aqueles olhos verdes... Acho que é ela! – pensou ele. Enviou uma mensagem. Sem resposta por três dias. Até que, na quarta-feira à noite, ela respondeu. Reconheceu-

-o também, sem saber explicar direito o motivo. Quando viu sua foto, um calor já conhecido lhe percorreu pelas faces.

Conversaram muito. Lembraram-se daquela época. Ela e a avó moravam na Cidade Alta. Todas as quartas-feiras à tarde, acompanhava a senhora para tratamento médico em Osório. Contou que a avó, que era para ela uma mãe, havia falecido de um infarto fulminante, então, ela terminou de ser criada por uma tia em Porto Alegre. Perdera a mãe muito cedo, e o pai nunca a assumiu. Na verdade, sumiu. Margarida também havia se casado, tido filhos e ficara viúva. Comerciaría aposentada, permanecia residindo em Porto Alegre.

Esse reencontro despertou em ambos tantos sentimentos! Nostalgia, amizade, carinho... e aquela mesma sensação de friozinho na barriga voltando. A mesma! Margarida tinha uma prima morando em Santo Antônio, a quem visitava de vez em quando. E agora tinha Inácio. Ansiavam por um encontro. Ela viria até ele. Marcaram num sábado, às duas da tarde, na Praça da Boa Viagem.

Ela o esperava sentada em um dos bancos da praça. Ele chegou de mansinho, pelo outro lado, de maneira que a abordaria estando ela de costas. Trazia um agrado em suas mãos. Tocou de leve o ombro dela e disse suavemente quando ela se virou:

– Rapadura, Margarida?

Havia

Márnei Consul

Havia perdido a noção de quantas voltas já tinha dado na quadra da Igreja da Boa Viagem. Às vezes, caminhando. Às vezes, correndo. Antes, havia passado pelas quadras ao redor, incluindo as das ruas Brasil, Uruguai e Chile. Havia ido, também, ao Parque Caetano Tedesco e a um trecho de rua após o CTG Patrulha do Rio Grande.

Buscava esquecer os últimos dias exaustivos, as pessoas nojentas, inescrupulosas e mais um monte de adjetivos ruins que tinham elas.

Repentinamente, tudo ficou escuro. E ficou um bom tempo assim pelos cálculos dele, mesmo o tempo tendo se distorcido e parecido passar diferentemente.

Quando acordou, um lençol branco estava sobre si, e um cara estava impondo as mãos sobre seu coração.

“O que é isto? Onde estou? Quem é você?”, quis perguntar, porém percebeu que isso fora apenas em pensamento.

“Acalme-se e descanse. As respostas virão no tempo certo”, respondeu o tal cara pacientemente.

“Como você ouviu se eu não falei, só pensei isso? Ou falei? Socorro! Socorro!”

Oferenda

Monique Rodrigues

Da primeira vez, foi a saia que balançava com o vento. O tecido branco contrastando com a escuridão da noite não passou despercebido. Levantando o olhar, ele a viu. Belíssima. Pareceu-lhe um pouco triste, é verdade, mas belíssima. Seguiu sua viagem, com a imagem daquela desconhecida em sua mente ainda por vários quilômetros. Quem seria? E que coragem a dela, estando na beira da estrada, sozinha, à noite! O mundo estava longe de ser um lugar seguro para as mulheres, mesmo depois de tantas mudanças nos últimos tempos.

Da segunda vez, ele dirigiu com mais atenção naquela parte do caminho. Pensou que, se tivesse uma boa dose de sorte, poderia vê-la de novo. O coração seguia acelerado. Ele vasculhava com os olhos inquietos todo aquele trecho iluminado pelos faróis, quando, de súbito, a viu. Ela estava lá, de branco outra vez, triste outra vez, belíssima outra vez. Ideias contraditórias giraram rápidas em sua mente. Será que morava ali perto? O que costumava fazer na beira da estrada? Se ele parasse, poderia assustar a moça. Mas era sorte demais tê-la encontrado novamente, não iria deixar a chance escapar. Estacionou

de qualquer jeito, e desceu o mais rápido que conseguiu. Ao fazer a volta no veículo, a perdeu de vista. Para onde teria ido? Olhou para todos os lados. Ela havia sumido. Como um anjo.

Nas semanas seguintes, sempre que passava por ali, nas margens da lagoa, dirigia com mais atenção. Quem sabe a encontrasse, muito embora suas últimas entregas tinham sido à luz do dia, e ela preferia aparecer durante a noite. Já não dava conta de manter aquela paixão dentro de si, e, ao mesmo tempo, não podia confidenciá-la a ninguém.

Então, ele bolou um plano.

Da terceira vez, estacionou com cuidado na estrada, desligou o motor, pegou o buquê de flores que havia escolhido cuidadosamente na floricultura momentos antes, desceu do caminhão e ajeitou o terno. Haveria de fazer as coisas como toda mulher merecia. Tirou os sapatos lustrados e entrou na água. Quando já estava molhado até quase a cintura, viu de longe a saia branca. Esboçou um sorriso. Estava na direção certa. Era só continuar andando.

A Pinheiro foi templo

Rosalva Rocha

Luzia andou vivendo, lendo livros, escrevendo e desenhando; e depois de muito andar, descobriu que aquela rua era única. Não havia o que discutir. O que havia eram grandes lembranças que não se apagaram, que a tornaram um templo de recordações. E ela considerava um luxo poder relembrar a sua rua, para ela, a rua mais linda e interessante da sua cidade. De água, luz, calçadas e paralelepípedos ela era feita, também de uma vista linda de morros verdejantes, como se o mundo se descortinasse a partir dali. O seu grande mistério sempre foi a simplicidade. A sua simplicidade, a simplicidade das calçadas e, principalmente, das pessoas que nela habitavam.

A Senador Pinheiro Machado, vulgo “a Pinheiro”, tinha algumas peculiaridades: era próxima do Centro Histórico, do Clube Recreativo Patrulhense e do hospital. Abrigava a Fonte Imperial, um dos pontos turísticos de Santo Antônio da Patrulha, conhecida por promover casamentos de patrulhenses com pessoas que nela bebiam a sua água com devoção. Ainda abrigava algumas edificações muito antigas e, ao mesmo tempo, abria-se para o novo de forma muito natural.

Na Pinheiro, Luzia viveu os mais lindos anos da sua vida. Nela, correu, brincou, inventou e foi extremamente feliz. Na rua, aprendeu a ser filha, irmã e amiga. Nela, começou a namorar e deu o seu primeiro tímido beijo, jamais esquecido. Nela, jogou vôlei nas tardes quentes de verão, sem se importar com o resultado, já que a rua era uma lomba. Aprendeu, sobretudo, que vizinhos podem ser mais próximos do que parentes e que a vida pode ser simples e muito interessante ao mesmo tempo.

Sempre chamou a Pinheiro de “a sua rua”, como se fosse de sua propriedade. Seus amigos continuavam os mesmos, as lembranças não se apagaram. A rua recheada de meninas, que eram a maioria, ainda soava aos seus ouvidos. Os meninos, poucos, nunca tiveram voz ativa. Nos tempos da brilhantina, quem brilhava mesmo era o sexo feminino. O cheirinho do pão caseiro e o ronco do carro do seu pai também se eternizaram nas suas melhores lembranças.

Na Pinheiro, era perceptível a levíssima embriaguez que elas, as amigas, ao todo eram mais de dez, tinham ao andarem juntas, quase em um bando. Andavam pela rua e pelas outras ruas falando e rindo. Tinham sede de viver e, como a sede sempre foi de graça, nada era poupado. Viviam os dias inteiros de forma intensa e realizavam muito com a sua imaginação, já que na sua época muito poucos brinquedos tinham.

Luzia, por anos, buscou a menina sonhadora que não tinha vergonha de abraçar um amigo, que não estava nem aí para o que pensavam dela e das suas brincadeiras inventadas, que se reunia diariamente com as suas amigas, independentemente do tamanho da casa ou da roupa que vestiam.

Buscou tanto essa menina sem encontrá-la, que passou a entender que não havia mais urgência no seu resgate, porque ela estava ali, dentro do seu coração, pulsando de lembranças e deixando os seus dias sempre mais azuis quando lembrada.

A menina sonhadora e a Pinheiro misturaram-se para sempre, como uma simbiose.

Aconteceu em Santo Antônio

Sinara Foss

Com voz grave como notas fúnebres, o repórter atualiza os números de mortos e desalojados decorrentes das tempestades e inundações que ultrapassam a famosa enchente de 1941.

A atenção na TV é afastada pelo tilintar agudo do telefone:

– Pronto!

– Mimi? Como estão aí? Graças a Deus, passou a chuva.

– Só me lembrava de vocês aí no Pindorama!

– Não alagou desta vez aqui. Fala mais alto que não tô ouvindo muito bem.

– Quando melhorar a chuva, venham aqui comer um doce!

– Vocês também. Na TV, só falam na enchente de 41... Sempre vão falar. Nunca vão esquecer.

O silêncio espera, e as vozes suspiram juntas.

– Nem nós.

///

Os campos em Esquina dos Morros eram um grande espelho refletindo a imagem da água que caía. O velho casal – Hilário e Honorina – sem saber o que fazer, ainda em luto recente por duas das quatro netas e pela nora Jorgelina, aguardavam o filho viúvo com as pequenas França e Mimi, de seis e cinco anos. As meninas, em um silêncio confuso, esperavam o pai em frente à janela com as pequenas mãos dadas.

O céu chorava junto com elas. A terra alagada não conseguia beber mais nada.

Dias antes, quando as nuvens nem tinham se juntado, e o azul predominava, Bento havia ido até o Ribeirão na casa do seu Gumercindo Machado para cambiar animais. Com toda aquela enchente, agora tinha ficado preso.

Quase sem espaço no peito para tanta melancolia, Bento imaginou a água atingindo a pequena casa de três cômodos dos pais, onde passaram a morar desde que a grande tristeza se abateu na família. Pensou em para onde o velho casal iria com as meninas se precisasse sair de lá. Embora a casinha fosse mais no alto, a água poderia ter subido e eles então estariam ilhados.

Os pingos batiam grossos no vidro como as lágrimas das meninas que não entendiam a razão do pai ter saído e não ter voltado. Sentiam falta dele. Dormiam os três na mesma peça, as duas na cama estreita de madeira e Bento ao lado, no chão, sob pelegos, com o braço levantado para que as duas tivessem certeza de sua presença. Quando conseguiam dormir, ele puxava o braço devagarinho para não acordá-las.

Com os olhares atentos ao grande lago que tomou conta dos campos, França e Mimi passaram muitos dias na janela à espera. Quando cansavam, inventavam brin-

cadeiras com ossos de animais. Mesmo com chuva, Vô Hilário apanhava balaios de laranjas e as duas chupavam muitas durante o dia. Com as cascas, criavam personagens e inventavam diálogos, esmigalhavam o miolo do pão, bem miudinho, quase em farelos, pra depois comer, sem saber que isso ajudava o tempo a correr mais rápido.

Depois de dez dias, a vidraça bafejada de saudade não as impediu de ver um ponto crescer e crescer no meio do campo. Arrepios de esperança percorreram as pequenas costas à medida que viram um homem, no auge dos seus trinta e um anos, com passos incertos, mas com pressa de chegar, empurrando a água com os pés, com calça arregaçada acima dos joelhos, sem camisa, com uma mala de garupa no ombro.

Reconheceram o pai entre gritos e pulos.

Abraçaram-se. Choraram. E correram à rua.

A avó veio dos fundos, secando as mãos no pano de pratos, rezando em agradecimento. Viu o filho abaixar-se e abraçar as duas que choravam, desta vez de felicidade.

///

– É, Mimi. Nós nunca vamos esquecer.

Quebra de rotina

Tereza Araujo

Enquanto isso, em Santo Antônio, uma mulher de aproximadamente 70 anos, cabelos brancos, vestida com uma saia comprida e escura, com um casaquinho de lã batida marrom e uma touca bege que cobria parte de seus cabelos brancos, chegou à rodoviária. Caminhava lentamente, como se tivesse alguma dificuldade nas pernas para se locomover, e parecia procurar uma pessoa, olhando para todos os lados, mas sem se dirigir a ninguém.

Outra senhora que estava por ali esperando o Várzea ficou com pena e foi falar com ela: “A senhora está procurando alguém? Como é seu nome? Eu me chamo Adriana e moro aqui na Cidade Alta.” A senhorinha olhou para Adriana como se não tivesse entendido nada do que ela tinha falado e começou a falar baixinho palavras como: “Não sei”, “consulta”, “não vou” e falava olhando para o nada. Adriana não desistiu e insistiu: “Como a senhora se chama? De onde a senhora vem? Onde é que a senhora mora?”

Cansada, a senhorinha sentou em uma das cadeiras, olhava para o nada, como se não soubesse quem era,

nem de onde vinha, nem para onde ia... O Várzea chegou, mas Adriana não embarcou nele, não podia deixar uma senhora de idade, sozinha, numa situação de vulnerabilidade, aparentando estar muito abalada emocionalmente e sem condições de tomar qualquer tipo de atitude, parecia estar completamente perdida.

Enquanto Adriana matutava em seus pensamentos se chamava a Brigada Militar, ou o SAMU, ou quem mais pudesse vir para ajudar a pobre mulher, esta se levantou repentinamente e saiu correndo da rodoviária, atravessando a rua sem olhar para os lados, quando uma moto, sem conseguir desviar, a pegou em cheio. Adriana gritou, juntou gente de todos os lados, e alguém chamou o SAMU que, em poucos minutos, já estava recolhendo a vítima.

Adriana achou uma pequena bolsinha que ela deveria ter deixado cair quando saiu correndo. Abriu para ver se havia documentos, mas só havia a foto de uma moça, muito bonita e atrás estava escrito: “Para minha amada mãezinha, com todo meu amor. Luciana”. Havia um lenço, um tercinho perolado e cem reais em notas de dez e vinte. Não havia documentos. O mistério continuava.

Foi então que Adriana resolveu ir até o hospital, para saber a situação da senhora idosa. Enquanto indagava na sala de espera se alguém sabia alguma notícia sobre uma senhora atropelada, observou uma garota que era idêntica à que viu na fotografia. Estava sentada e com a aparência de alguém muito aflita. Aproximou-se e puxou conversa: “Com licença, moça, por acaso, teu nome é Luciana?” A moça a olhou meio assustada e respondeu: “Sim, sou Luciana, por quê?” “És filha da senhora que foi atropelada?” “Sim, sou filha dela e só fiquei sabendo do

acidente, porque já estava neste hospital e sou amiga de um dos socorristas, ele me viu aqui e me avisou. Mas ela está fora de perigo, só está fazendo curativos”.

Adriana deu um suspiro de alívio e comentou: “Eu tentei conversar com ela na rodoviária, mas ela parecia estar meio aérea, não falava coisa com coisa”. “Pois é,” continuou Luciana: “Eu marquei encontro com ela aqui no hospital, porque eu vim de Gravataí, e ela mora no interior, só que ela não deve ter atinado a vir para o hospital e ficou na rodoviária. Ela ia justamente fazer um exame médico, e minha outra irmã, a Eliana, não deveria ter deixado que ela saísse sozinha. Vou levá-la comigo para Gravataí, assim que ela tiver alta”.

Adriana entregou para Luciana a pequena bolsinha com o dinheiro e a foto, contou que estava ali, porque ficara muito preocupada com a idosa, e a reconhecera (Luciana), por causa da foto. “Eu não ia dormir esta noite se não viesse saber sobre a saúde de tua mãe”. “Ernestina”, disse Luciana, “Minha mãe se chama Ernestina. Muito obrigada pelo interesse na saúde dela e por ter guardado sua bolsinha que, para ela, pode ser importante”.

As duas se abraçaram e se despediram. Adriana seguiu seu caminho pensando nessa ocorrência inusitada que quebrou a rotina de sua vida. Sentiu um imenso alívio por ter se preocupado, ter pegado a bolsinha, ter visto a fotografia e ter ido até o hospital. Poderia, enfim, ir embora, com a consciência tranquila, de ter dado a sua pequena contribuição humanitária para a realização de um final, na medida do possível, feliz.

Quem somos

Escritores jovens

Alice Rosa da Silva / @alicerosa588
Eduardo da Silva Dias / (@eduardodias_o6_
Gabriela Szortyka da Costa Gomes / (@szogabi
Haika Mariah Mendes Porcher / (@porcherhh
Maria Clara Oliveira Becko / @macbecko
Arthur Charão Klein / @vulgo__charao
Hellen Cardoso Santos / @_hellen_cs_
Vitória Werner da Silva / @vitoriawerner138
Carolina Marques dos Reis / (51) 99707.2845
Jussana Aparecida de Oliveira Fraga / @jussanafraga
Tainá Nunes de Andrade / @itz.taiish
Yuri Rodrigues da Silva / @solitosarte

Escritores nem tão jovens

Cristina Moro Fishborn / @cristina_morofischborn
Daiçon Maciel da Silva / @daiconmaciieldasilva
Elita Portal / @elitapdefraga
Joelson Machado de Oliveira / @joelsonoliveira.sap
Luciane Machado / @lucianemachado998
Luiz Nicanor / @dr.luiznicador
Marilani dos Santos Bernardes / @marilanibernardes
Márnei Consul / @marneiconsul
Monique Rodrigues / @moniqueeoslivros
Rosalva Rocha / @rosalvarocha10
Sinara Foss / @sinarafoss
Tereza Araujo / <https://www.facebook.com/terezinha.araujopereira>

No início de 2024, o Grêmio Literário Patruhense (GLP), assim como outras entidades de Santo Antônio da Patrulha/RS, foi premiado por sua trajetória com recurso da Lei Paulo Gustavo. Poderia ter usado tal valor para fazer uma confraternização, pagar alguma despesa, ou, simplesmente, guardar em sua conta bancária. Entretanto, ciente de sua responsabilidade sociocultural, não foi isso que ocorreu.

Os associados do GLP tiveram a ideia de criar um livro de contos em formato digital que, além de contar com textos dos membros da entidade, abriu espaço para jovens talentos locais, ou seja, alunos de Ensino Médio. Isso porque o incentivo à literatura é necessário, seja na leitura, seja na escrita.

Alice Rosa da Silva / Eduardo da Silva Dias / Gabriela Szortyka da Costa Gomes / Haika Mariah Mendes Porcher / Maria Clara Oliveira Becko / Arthur Charão Klein / Hellen Cardoso Santos / Vitória Werner da Silva / Carolina Marques dos Reis / Jussana Aparecida de Oliveira Fraga / Talná Nunes de Andrade / Yuri Rodrigues da Silva / Cristina Moro Fishborn / Dalçon Maciel da Silva / Elita Portal / Joelson Machado de Oliveira / Luciane Machado / Luiz Nicanor / Marilani dos Santos Bernardes / Márcel Consul / Monique Rodrigues / Rosalva Rocha / Sínara Foss / Tereza Araujo

